

[ROMANCE]

SANTA BULA DE TODOS OS REMÉDIOS

ou diário de
um suicida

Paulo Sandrini

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**



Máquina de Escrever
editora | produção cultural

**SANTA BULA
DE TODOS OS
REMÉDIOS**

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:

Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt

Diagramação:

Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:

Clara Reinhardt Silva

Revisão:

Cida Grecco

Revisão textual da capa:

Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

S219 Sandrini, Paulo
Santa bula de todos os remédios / Paulo Sandrini.
____ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.
49 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-90-2

1. Ficção Brasileira - Paraná. I. Título.

CDD: 869.9362

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



SANTA BULA DE TODOS OS REMÉDIOS

ou diário de
um suicida

Paulo Sandrini

Curitiba 2025



Sumário

I.

Dia de hoje	11
Terça-feira do Ano Sagrado da Santa Bula de Todos os Remédios.....	12
Anteontem, às 17h.....	13
04h:50min	14
Novamente hoje.....	15
Dia anterior a anteontem, às 20h.....	16
Dia onze de abril, 13h33min	17
Dia dois de setembro – um dia amarelo	19
Dia três de setembro – um dia também amarelo	23
Primeiro dia da segunda semana do ano 43 – primeira hora.....	24
Segundo dia da segunda semana do ano 43 – segunda hora	25
Terceiro dia da segunda semana do ano 43 – terceira hora.....	26
Quarto dia da segunda semana do ano 43 – quarta hora.....	27
Quinto dia da segunda semana do ano 43 – quinta hora	28
Dia da metalinguagem, às 25h:61min da madrugada.....	29
Vinte e um de março de 1971, às 02h15min.....	30
Dia universal do Transtorno de procrastinação, às 28h62min, biblioteca de casa.....	32
Anteontem, às 18h33min	33

04h50min	34
18h24min do dia da criação de um novo gênero.....	35
O primeiro diário enxuto da História	35
Dia 1° de janeiro	35
Dia 30 de fevereiro.....	35
Dia 1° de março	36
Dia 1° de abril	36
Dia 1° de maio.....	36
Dia 12 de junho.....	36
Dia 2 de julho	36
Dia 12 de agosto.....	37
Dia 9 de setembro.....	37
Dia 5 de outubro	37
Dia 2 de novembro.....	37
Dia 26 de dezembro	38
Dia do 1° enterro de Marta Tarma.....	39
Quarta-feira do Ano Sagrado da Santa Bula de Todos os Remédios	40
Novamente hoje.....	41
Anteontem, às 15h.....	42

Dia sem data; hora e local indeterminados	43
Dia quatorze de abril	45
Dia da metalinguagem 2, às 25h61min da madrugada	46

II.

Dia da relação, da meia-noite de um dia à meia-noite do outro	48
Da viagem para encontrar o filho	54
Hoje	64

III.

Dia sem data, UTI, hora indefinida	65
Adaptações	67
Dia sem data, UTI, hora indefinida	76
Sem data, UTI, hora indefinida	82
Dia do 2° e último enterro de Marta Tarma	88

Manoel Carlos Karam
(in memoriam)

*Há coisas bem mais interessantes
para se fazer do que viver.*

*Anotação roubada do Diário de um Suicida (autor
desconhecido), no dia
internacional da cor com 100% de amarelo e 10% de magenta.*

I.

Dia de hoje

Ontem aprendi, lendo na bula única para todos os remédios, a Santa Bula de Todos os Remédios, que tomar muitos comprimidos (antidepressivos, ansiolíticos, sedativos, analgésicos, anticonvulsivos, estabilizadores de humor e segue a lista) pode matar uma pessoa.

Por sorte, terminei o dia tomando apenas 279.

Minha noite foi tranquila. Não dormi, não relaxei, não vi filmes, não li um livro. Não pensei na morte.

Para uma pessoa morrer são necessários muitos comprimidos. Está lá, escrito na Santa Bula de Todos os Remédios.

Tomei 279. Ou 277. Não me lembro bem. Só me lembro de ter sonhado.

Terça-feira do Ano Sagrado da Santa Bula de Todos os Remédios

Amanhã será um dia muito diferente dos outros. De todos os outros dias mais diferentes da minha vida. A cada dia, uma lição sagrada. Assim é a vida.

Amanhã não será diferente, pois os meus dias continuarão a ser muito diferentes de todos os outros dias.

A constante mudança, simbolizada em cada amanhã, pode realmente entediar. Pode perturbar e representar um perigo. Colocar a vida em risco. (Alerta para ideação suicida em caso de tédio.) Nada muda: cada amanhã é diferente. Essa falta de alteração na dinâmica dos amanhãs entedia. Coloca a vida em risco.

Anteontem, às 17h

Colado à janela da frente de minha casa, o muro de uma fábrica. Não sei há quantos anos está aí, limitando minha visão de mundo.

Na Santa Bula de Todos os Remédios, página sem número, podemos ler: “Uma fábrica abandonada é um celeiro de ideias mortas”.

A fábrica só pode estar abandonada, pois sempre ouço as festas de confraternização entre os operários. E eles só fazem festas. “Os homens que movem o mundo são os mesmos que param as engrenagens para a vida continuar.” Não sei de onde tirei isso. Não foi da Santa Bula de Todos os Remédios. A Santa Bula não traz mensagens bonitas sobre a vida dos homens nas fábricas. Traz apenas mensagens acerca da vida dos homens sobre a Terra.

Durante essas festas de confraternização, os operários, tenho certeza, se abraçam e rolam na terra. Se beijam. E rolam na terra. Fazem amor rolando na terra. Os operários engravidam quando rolam na terra abraçados uns aos outros. Agarrados uns nos outros. Colados uns nos outros. Quase dentro uns dos outros.

Gostaria de estar do outro lado. Engravidar de um dos operários do outro lado do muro. A maternidade faria bem a um homem de 49 anos. A maternidade daria um novo sentido para a vida de um homem que pensa constantemente na morte. Para que algo nasça, é preciso destruir um mundo. E cada homem é um mundo grávido de finitude. No entanto, não seria melhor dizer “O mundo é um ovo” ou ainda “O ovo é o mundo”?

O bebê seria uma ave a sair do ovo. O ovo, então, é o mundo. Quem quiser nascer precisa destruir um mundo. Nesse caso, eu, grávido, seria o mundo a ser destruído. Ou seria um ovo?

04h:50min

Sonhei que estava na linha de frente em uma guerra. Um soldado do exército inimigo acenou para mim de modo fraterno. Logo depois, eu o matei e ele me matou.

Foram mortes amigáveis, as nossas.

Mas, pouco antes de morrermos (abraçadinhos), houve tempo suficiente para cochicharmos um no ouvido do outro: “Eu ia me matar durante a batalha, assim ninguém perceberia meu suicídio”.

Canalha. Essa ideia era só minha. Me senti roubado. Quero vingança. Vou sonhar de novo com o soldado só para matá-lo, e morrer, outra vez.

Novamente hoje

Cheguei da rua e não pude entrar. Quando saí, fechei a cela e joguei a chave dentro. Assim, não correria o risco de me enforcar ali.

Sabe aquela história de o condenado ser inocente e, por sofrer muito com isso, coloca fim à própria vida se enforcando com uma corda feita de lençol, dentro da cela?

Não vivo em uma cela. Tampouco tenho uma cela dentro de casa. Praticamente ninguém possui uma cela dentro de casa.

Então, saí para comprar ovos. E já que o ovo é o mundo, de acordo com o escritor sem nome, minha intenção era apenas comer um pão com mundo. É básico. Depois, você finaliza o lanche com 279 ou 277 comprimidos. Isso é ainda mais básico.

Dica: um copo e meio d'água ajuda a deglutir o mundo.

Dia anterior a anteontem, às 20h

Duas décadas atrás, li na Santa Bula de Todos os Remédios a entrevista de um diretor de teatro. Lá, dizia que as peças dirigidas por ele não estavam e jamais estariam ligadas a temas políticos. Interessei-me pela declaração e fui pesquisar sobre seus espetáculos. Acabei encontrando alguns textos. Num deles, o próprio diretor citava a passagem de uma peça na qual um personagem, ativista político, havia sido assassinado pelas forças da ditadura. Apesar disso, declarou: “Os militares só mataram porque seguiram as ordens”.

As peças do diretor, acabei por concluir, realmente não estavam ligadas a temas políticos. Estavam ligadas às ordens seguidas por ele.

Dia onze de abril, 13h33min

Saí cedo de casa pra nunca mais voltar. Mas essa ideia durou pouco.

No caminho, me deparei com o bilhete de despedida de uma suicida pichado num muro: "A vida me deu algumas lições, mas a lição definitiva quem me dará é a morte".

Corri de volta pra casa e agarrei o telefone.

O bilhete era assinado por Marta Tarma. Uma amiga antiga. Ou antiga amiga (rima do mesmo modo). Fomos namorados por 5 dias que duraram 5 horas. Coisa de uns 49 anos atrás.

Tecliei o número do telefone de Marta e a voz do outro lado atendeu: "Marta morreu há 16 anos e 5 horas!". "Morreu?" – gritei. "Morreu!" – a voz do outro lado confirmou. – "E o enterro será daqui a dois dias."

A morte de Marta me deixou curioso. O bilhete no muro era mesmo dela. Reconheci pelo estilo, sei lá. Mas ela só os escrevia. Nunca assinava. Marta era dessas mulheres incríveis, escrevia bilhetes com mensagens de despedida para suicidas. Bilhetes impressos em enormes quantidades, distribuídos por uma gigante da indústria de remédios. Os bilhetes iam dentro de caixas de antidepressivos, ansiolíticos, estabilizadores de humor, anticonvulsivos, analgésicos, sedativos e segue a lista.

Marta era uma mulher empreendedora, ficou milionária com essa ideia genial de escrever bilhetes de despedida para suicidas, evitando a preocupação de se criar uma mensagem num momento tão complicado.

"É preciso apenas assiná-los e depois tomar muitos comprimidos", está escrito lá, na Santa Bula de Todos os Remédios.

Marta foi um gênio (ou gênica) na indústria dos remédios para suicídio.

No entanto, nunca levou jeito para essa coisa de se matar. Digo isso com propriedade. Convivemos por muito tempo juntos: 5 horas que duraram 5 dias. E ela nunca cogitou tirar a própria vida. Era uma mulher forte. Resistente, diríamos. Portanto, ver

um bilhete de despedida de uma suicida pichado num muro e assinado por Marta foi uma enorme surpresa.

Marta Tarma teria mesmo se matado?

Liguei novamente para sua casa. Perguntei: “Ela se matou?”. “Não, teve uma morte agradável; morreu escrevendo bilhetes com mensagens de despedida para suicidas” – a voz do outro lado respondeu. “Eu gostaria de saber qual foi o último escrito por ela, isso tem grande importância para mim, queria guardar uma lembrança bem pessoal e particular de Marta, afinal fomos casados por um bom tempo, cerca de 5 dias que duraram 5 cinco horas” – eu disse. “Pegue no enterro”, falou a voz do outro lado, “foram impressas milhares de cópias para distribuir aos parentes, amigos e fãs da grande escritora de bilhetes de despedida para suicidas, Marta Tarma; até mais!”

Dia dois de setembro – um dia amarelo

Eu deveria escrever, registrar neste diário as coisas acontecidas na minha vida, pensamentos, mensagens, cartinhas para um amor secreto jamais entregues, minhas ideias suicidas (sobretudo) e outros etcéteras. Eu deveria escrever todos os dias, de modo inteligível, organizado, seguindo o calendário. Mas, sim, pulando alguns dias, pois faz parte do charme de um diário saltar alguns dias. Deixar espaços vazios, espaços de indeterminação. Gerar (isso, o mais importante) incertezas no leitor para que ele possa preencher os vazios com as suas próprias certezas, ideias, suposições, fantasias, superstições, preconceitos, projeções, com sua vaidade e empatia, sua falta de empatia, sua crueldade, seus desejos, com seu escárnio, com receitas de poções mágicas, receitas de bolo, de comidas exóticas, com horóscopo, mapas astrais, mentiras, cenas de sexo, indicações de filmes pornográficos, de livros de autoajuda, de autoficção, indicações de livros com personagens suicidas (é obrigatório), personagens corruptos, preencher com dicas de como se matar sem dor, com indicações de locais especializados em suicídio assistido, com o contato da Clínica Dignitas, com o mapa da Suíça, com depoimentos estimulantes dos vencedores no mercado financeiro, dos vencedores no campo político, com relatos de torturadores durante a ditadura, com denúncias sobre crimes políticos, sobre devastações ambientais, relatos de pandemias e outros etcéteras. Lembrando que os espaços em branco num diário (os dias pulados, as páginas em branco num diário) podem se dilatar, tornando-se espaços ilimitados a acolher tanto um “Ulisses” quanto uma “Odisseia”, uma “Divina Comédia” ou um simples diário de outra pessoa.

Mas a verdade é a seguinte: o diário de uma outra pessoa é sempre mais interessante que o nosso. Isso justifica o fato de eu preferir ler os diários roubados a escrever o meu próprio. A vida dos outros é sempre mais interessante. Por isso, penso em escrever sobre suas vidas no meu diário. Assim, creio eu, farei

uma grande revolução no gênero “diário”. E podemos até chamar essa revolução de “diário de autoficção dos outros”.

Contudo, não há (não há mesmo) nada tão desafiador quanto escrever nos espaços em branco deixados nos diários roubados dos amigos. O Diário de uma Suicida, de Marta Tarma, entra na lista dos roubados. Na verdade, esse material me foi enviado por ela mesma, como se fosse um daqueles escritos literários sobre os quais as pessoas nos pedem para dar opinião (mas a gente nunca dá). E isto me traz uma certeza: nunca ter dado um retorno para Marta Tarma evitou seu suicídio, pois ela estava justamente esperando minha opinião. Na verdade, Marta, e eu já disse isso, nunca teve a ideia de se matar. Portanto, no seu diário, do qual acabei me apossando (um roubo permitido, pois ela nunca o pediu de volta), havia coisas curiosas nas páginas dedicadas ao “Dia dois de setembro – um dia amarelo”. Marta elabora ali a Lei Contra o Suicídio. Nessa lei, ela propõe que, num mês específico do ano (coincidentemente o mês de suas férias anuais), os malditos suicidas sejam proibidos de dar fim à própria vida. E mais: todas as pessoas com transtornos mentais devem ser marcadas com a cor amarela e vigiadas pela sociedade, sobretudo pelas autoridades. A ideia é tingir seus cabelos e deixá-los com essa cor durante todo o mês no qual o suicídio é proibido.

Outros pontos são:

- Proibir a venda de medicamentos controlados para transtornos mentais e, com isso, evitar que as pessoas com tendência a tirar a própria vida tomem muitos comprimidos, pois isso pode realmente matar (este ponto está de acordo com a Santa Bula de Todos os Remédios);
- Fechar lojas de produtos como cordas e armas de fogo no mês de proibição do suicídio;
- Vasculhar todas as casas do país em busca de armas de fogo, munição, remédios controlados, cordas, navalhas, lâminas de barbear, facas, fornos e botijões de gás, gara-

gens fechadas com automóveis dentro, passagens de ida ao litoral (os suicidas podem se jogar ao mar), passagens para a Suíça, objetos cortantes de vidro e muitos, muitos outros etcéteras;

- Fechar o acesso às praias (motivo citado no parágrafo anterior);
- Levantar barreiras com 10 metros de altura ao lado de rodovias;
- Fechar pontes, viadutos e passarelas;
- Secar todos os rios profundos do país;
- E muitos, muitos outros etcéteras.

A lei proposta por Marta Tarma tenta a todo custo evitar oportunidades e situações que possibilitem aos suicidas chegarem às vias de fato. Mas essa lei (ou projeto de lei) nunca passou pelo congresso.

Detalhe importante: para o mês da proibição, Marta Tarma propõe uma força-tarefa atuando em funerárias, cemitérios, necrotérios, IMLs e em todos os lares do país na tentativa de localizar corpos de suicidas recentes. E a partir do momento no qual os corpos são localizados começam as prisões de psicólogos, psiquiatras, pais ausentes, mães com transtorno narcisista, chefes abusadores, redatores de manuais de suicídio e outros etcéteras. A pena? Um mês escrevendo, bilhetes com mensagens de despedida para suicidas.

Eu poderia até pensar se com essa lei Marta Tarma não estaria jogando contra a indústria do suicídio da qual ela mesma fazia parte junto da gigante do ramo de medicamentos. Na verdade, era um projeto de lei com uma função estratégica muito importante e sobre a qual já falamos: as férias anuais, de um mês, de Marta. Ela precisava tirar suas férias, ter seu descanso de um mês todos os anos, mas para isso necessitava de pessoas (presidiárias, neste caso) a trabalharem de graça, escrevendo outros bilhetes com outras ideias. Ela registrou em

seu diário o fato de andar muito estressada com a demanda de bilhetes de despedida cada vez mais particularizados. Tal demanda surgiu por conta de as pessoas começarem a se matar deixando muitos bilhetes de despedida idênticos (as mesmas mensagens impressas repetidamente pela indústria). Com isso, as famílias e amigos dos mortos puseram-se a reclamar. Os suicidas em potencial organizaram uma grande manifestação na maior avenida do país para reivindicar bilhetes variados, senão iam comprar medicamentos dos fabricantes que não vendiam caixas de remédios com bilhetes. “Para nos despedirmos da vida com iguais mensagens e sentimentos, preferimos não comprar seus medicamentos”, gritavam eles contra a indústria para a qual Marta Tarma criava os bilhetes (bilhetes para eles mesmos: os ingratos manifestantes com ideias suicidas).

E por qual motivo conto tudo isso? Pelo simples fato de poder falar do diário de Marta com páginas em branco, com dias pulados a gerar páginas em branco. Localizei uma sequência de cinco dias sem anotações e tive a certeza de pertencerem ao período da nossa relação de 5 dias que duraram 5 horas.

Do “Primeiro dia da segunda semana do ano 43” (e com certeza Marta tinha 43 anos nessa época) ao “Quinto dia da segunda semana do ano 43” (Marta com certeza tinha 23 anos nessa época) não temos registros. São páginas vazias. Marta, nesse período, estava muito ocupada com o nosso casamento, nossa vida conjugal. Decerto não teve tempo de escrever em seu diário sobre a nossa relação.

E por ela ter ocultado essa nossa relação em seu diário, transformando-a em uma relação inexistente, decidi preencher os espaços em branco tratando da nossa história de amor. Para isso, transporte essas páginas do diário de Marta para o meu diário e nele pude contar como foi esse longo período de 5 dias que duraram 5 horas nos quais vivemos um amor profundo e raso, cordial e colérico, lindo e hediondo, eterno e finito.

Dia três de setembro – um dia também amarelo

(Reescrita das páginas em branco deixadas por Marta Tarma em seu "O Diário de Uma Suicida")

**Primeiro dia da segunda semana
do ano 43 – primeira hora**

**Segundo dia da segunda semana
do ano 43 – segunda hora**

**Terceiro dia da segunda semana
do ano 43 – terceira hora**

**Quarto dia da segunda semana
do ano 43 – quarta hora**

**Quinto dia da segunda semana
do ano 43 – quinta hora**

Dia da metalinguagem, às 25h:61min da madrugada

(Fazer experimentos com a linguagem é como servir de cobaia para testes de medicamentos psiquiátricos. Você pode ver nisso uma possibilidade de dar certo, de haver uma luz. Ou pode ficar muito mal. Deprimido. Deprimido por não conseguir achar o tom, o ritmo, a forma, o vocabulário e outros etcéteras e, por consequência, o pior disso tudo: não conseguir narrar. Ficar tão deprimido a ponto de querer se matar. Ou os medicamentos podem ainda fazer um efeito tal que você chega a ter um ataque de sentimento de grandeza e pensa ser deus. E deus, nesse caso, é a própria linguagem (ou seria o verbo? Sei lá). Então a linguagem, que é deus (e também você), deve morrer por conta de você estar muito deprimido e não já poder encarar a página branca. A possibilidade de narrar está esgotada. O homem está esgotado. O homem que pensa ser a própria linguagem e por isso pensa ser deus. Está esgotado. O homem que é a linguagem. E também é deus. (Mas deus não era o verbo ou o verbo era deus? Sei lá.) O homem. Esse homem. Vai se matar. Não ter como narrar é o encerramento. Da existência; existência que é. Tão-somente uma narrativa. Por isso. O. Homem esgotado que. Pensa. Ser a própria linguagem e também ser deus. Mata deus quando se. Mata. E mata a. Linguagem. Também.)

E por qual razão escrevo tudo isso? Simplesmente por não conseguir me lembrar de nada do meu longo relacionamento de 5 dias que duraram 5 horas com Marta Tarma. Deixar páginas em branco num diário é um grande sinal de incompetência. Isso me lembra a crise dos escritores diante da página vazia. Na verdade, nesse caso, não houve crise alguma. Foi apenas um branco, um branco da memória. Mas, apesar de tudo, posso afirmar: vivi momentos intensos de amor. Só não sei se foi mesmo com Marta ou com Tarma.

Vinte e um de março de 1971, às 02h15min

Maldito diário, hoje, vinte e um de março de 1971, às 02h15min, gostaria de escrever algo em você. Por isso, peço sua permissão para usar minha humilde pena no seu corpo de folhas porosas que absorverão meu relato feito à tinta legando-o à posteridade.

Com a sua devida permissão, pois, estranho diário, começo a fazer o relato dos primeiros momentos após o meu nascimento, nesta noite, aos 15 minutos deste dia vinte e um. Agora faz, portanto, duas horas do meu nascimento. O berçário está calmo. O hospital parece ter um ambiente tranquilo. Todos dormem, menos uns poucos funcionários e enfermeiros. Na verdade, nem todos dormem. Há uns três pacientes gritando. Chamam por nomes desconhecidos. Acabo de vir à luz e já é preciso conviver com esses pacientes terminais gritando desesperados. É assustador acabar de nascer e já encarar pessoas morrendo próximas a você.

Minha mãe, exausta por conta do parto, dorme num quarto longe daqui. Tenho certeza, ela dorme. Mas como posso escrever (ou pensar) se nos quartos ao lado deste berçário há pessoas moribundas? Talvez estejam morrendo sem seus diários e suas penas. Suas penas já cansadas e sem tinta para registrar os últimos momentos. A vida toca a morte e a morte toca a vida. Esse é o sentido deste lugar. A sensação de se nascer aqui é a mesma de ser uma cobra que acaba de sair do ovo e começa a engolir a própria cauda. Este começo está repleto de fim. Sinto um certo pavor. Gostaria de gritar o nome de minha mãe. Se eu o soubesse. Ela poderia estar aqui. Gostaria de estar acolhido em seu colo. De sentir seu calor. De ouvir sua voz. A mesma voz ouvida por mim quando estava em seu útero. Mas já me conheço o suficiente, apesar de minhas poucas horas de vida, para saber que não sugarei seu leite. Ela também sabe disso. E um dia me contará sobre como era difícil me amamentar, pois eu não segurava na boca nenhum dos bicos de seus seios. Me contará sobre como eu era ruim para dormir, desde o começo. E como eu ficava olhando para o teto escuro e sem forro da casa de minha avó.

Olhava e ria. Ria para o escuro. Mas talvez ela não saiba me dizer, daqui a alguns anos, por qual razão até mesmo o escuro passou a ter medo de me encarar. Ela talvez não saiba me dizer o motivo de eu ter absorvido todo aquele escuro que me temia. Serei dono de um sorriso sem brilho, sem vida. Sem luz a se expandir. E, por isso, talvez eu nunca possa sair deste berçário. Talvez os anos passem e eu continue aqui, escrevendo em você, maldito diário, sem ter vivido um instante sequer lá fora. E, no fim, talvez não tenha mais à mão a pena com tinta para fazer os últimos registros de minha existência. Tal e qual esses moribundos a gritarem nos quartos vizinhos. E a cada minuto os gritos aumentam. Invadem tudo. Até mesmo as duas crianças aqui ao lado começam a gritar, mas não de fome ou de dor. Elas gritam porque sabem: um dia irão murchar e desaparecer feito os moribundos. Não é a dor que nos fará gritar ao final. Não é a dor. Gritaremos por causa da impossibilidade de continuar a narrativa da existência. Não estaremos mais no mundo da linguagem, do texto. E tudo que somos é texto, linguagem, mas um dia seremos raspados para dar lugar a outros textos.

Maldito diário, sinto lhe dizer: tudo acaba em palimpsesto.

Dois enfermeiros entram aqui no berçário e retiram os corpos das duas crianças. Mas não eram crianças, eram dois velhos murchos. Um dos enfermeiros comenta: "Esses velhos nem gritavam tanto, pior são os recém-nascidos aí pelos quartos, a dor deles nunca tem fim, basta nascerem e a gritaria começa, um horror". Ou outro diz: "Uns chorões dos infernos", e pergunta, "Você me ajuda aqui no necrotério esta noite?, pois temos recém-nascidos bastante idosos e murchos vindo pra cá". O outro responde: "Sim, eu ajudo, faço umas horinhas extras". Depois olha em minha direção e completa: "Esse aí nem chorou". "Claro", diz o outro, "já havia se enforcado no útero da mãe com o cordão umbilical".

Este trecho foi roubado do Diário de um Natimorto e faz parte do meu projeto de transformar o diário num gênero chamado diário de autoficção dos outros (podendo esses outros nem sequer terem vivido).

Dia universal do Transtorno de procrastinação, às 28h62min, biblioteca de casa

Hoje, pensei em não fazer nada. Nem sequer mexer uma palha. Feito um dia sem vento e de muito calor. Paradão. Preguiçoso. Procrastinador. É isso o que sou: um procrastinador.

Ainda assim, me levanto da cama e vou até a biblioteca. Retiro da prateleira a pesada edição da Santa Bula de Todos os Remédios. Preciso me informar sobre o chamado Transtorno de procrastinação. O índice não indica a página. Na verdade, não há índice. Mas sei que o assunto está ali. O diagramador deve ter se esquecido e a edição única da Santa Bula saiu com esse defeito.

Fico por umas duas horas caçando o assunto entre páginas com letras de corpo muito pequeno. Finalmente o encontro lá pela metade do volume. O título **Transtorno de procrastinação** está em negrito. Logo abaixo, um recado do redator: "Procrastinei a escrita deste capítulo, leia-o na próxima edição da Santa Bula de Todos os Remédios". (Mas não existe uma outra edição.) Há ainda, logo abaixo do título – e isso percebi logo após ter lido o recado –, o nome do redator numa letra bem menor, acompanhado do número 3.558 (relativo à nota de rodapé de número 3.558). Essa nota, lida com auxílio de lupa, explica que o redator se matou antes de começar a escrever o capítulo e, por isso, nem mesmo numa próxima edição da Santa Bula o capítulo **Transtorno de procrastinação** será escrito, pois somente aquele redator, no mundo todo, sabia definir exatamente o problema.

Pensando bem, como o redator poderia ter tirado a própria vida se era um procrastinador? Não há desespero na procrastinação. Há desespero no suicídio. O redator, creio eu, sofria de Transtorno de suicídio. O Transtorno de suicídio sim, esse está explicado na Santa Bula de Todos os Remédios. E consta do índice.

Anteontem, às 18h33min

Ontem, acordei com um desejo imenso de engravidar. Pela primeira vez na vida subi num telhado, o telhado de casa, e pulei para o outro lado do muro da fábrica abandonada, onde sempre há festas de confraternização entre os operários. A fábrica abandonada se mostrou um lugar limpo, colorido e cheio de vida. Parecia um celeiro de ideias vivas. Mas do que eu realmente não gostei foi das caras dos operários. Alguns com expressão de ódio e outros com ar sorumbático. Todos vestindo uniformes de cor cinza, todos com barba ou bigode (ou ainda com bigode chinês), e todos eles praticamente com a mesma cor de cabelo e os cabelos de todos eles cortados do mesmo modo. Assim, não era possível saber se eram homens ou mulheres. Para mim, eram homens e mulheres ao mesmo tempo, apesar da barba ou do bigode (ou do bigode chinês).

Havia festa ali, é claro. Tocava uma música animada. Os operários dançavam. Gritavam como se estivessem felizes. Mas seus rostos carregavam sempre aquela expressão sombria. Eles soltavam sons de gargalhadas sem estar gargalhando. Abraçavam-se. Mas era de modo mecânico. Rolavam no terreno da fábrica grudados uns nos outros e se mordiam, arrancando pedaços uns dos outros. As máquinas de costura, abandonadas por falta de uso (sim, era uma fábrica de roupas), pareciam ser mais alegres.

Desde que passei a ouvir as festas de confraternização do outro lado do muro, comecei a pensar em engravidar de um desses homens – desses homens felizes sobre a Terra. Rolando na terra. Mas, de perto, não eram nada do que eu imaginava. Por isso, se fosse para engravidar, teria de ser de uma gente muito feliz, tão feliz a ponto de me fazer nunca mais pensar em colocar fim à própria vida por causa de tédio, tristeza, depressão e outros etcéteras. Se fosse para carregar mais tristeza dentro de mim, eu me bastaria com isso. Há tempos estou grávido de muitas tristezas. Desisti, então, da ideia de engravidar, pois engravidar dessa gente não seria nada bom para um homem de 61 anos.

E o pior disso tudo, descobri, é que as coisas atrás do muro podem nos enganar por muito tempo.

04h50min

Precisei sonhar de novo com o soldado do exército inimigo e, assim, me vingar pelo roubo de uma ideia. Então:

Sonhei que estava na linha de frente em uma guerra. Um soldado do exército inimigo acenou para mim de modo fraterno. Depois, eu o matei e ele me matou.

Foram mortes amigáveis, as nossas.

Mas pouco antes de morrermos (abraçadinhos), houve tempo suficiente para cochicharmos um no ouvido do outro: “Eu ia me matar durante a batalha, assim ninguém perceberia meu suicídio”.

Mas o meu plano de vingança deu errado. Enquanto cochichávamos um no ouvido do outro, ele me engravidou. Por isso, agora, desejo mais uma vez me vingar. Vou sonhar novamente com o soldado inimigo só para termos uma conversinha sobre pensão alimentícia.

18h24min do dia da criação de um novo gênero

Após a criação do gênero narrativo chamado “diário de autoficção dos outros”, me veio à mente um outro novo gênero: o “diário resumido”. As pessoas já não têm mais tempo de escrever e menos ainda para pensar na vida. Nem mais as/os adolescentes escrevem diários. Só os suicidas. Ou eles deixam cartas e bilhetes? Não sei. Só sei que o gênero “diário resumido” pode ser uma ótima ideia para as pessoas voltarem a escrever diários. Eu mesmo farei um teste. Escreverei o meu primeiro diário resumido ou diário enxuto. Sim, um outro bom nome para este novo gênero chamado diário resumido é: “diário enxuto”.

A fórmula? Pegar apenas um dia de cada mês, somente o dia mais importante de cada mês (o mais importante do ponto de vista de quem escreve), e registrar as coisas mais importantes desse dia mais importante de cada um dos meses do ano. Ou mesmo as não importantes. Não importa. Um diário não se faz apenas de coisas importantes.

Como não posso esperar este ano inteiro passar para, só ao final dele, saber como sairá o primeiro diário enxuto da História, vou fazer um diário enxuto com as coisas mais importantes de cada mês do ano passado. Ou mesmo com as coisas não importantes. Um diário não se faz apenas de coisas importantes.

O PRIMEIRO DIÁRIO ENXUTO DA HISTÓRIA

Dia 1° de janeiro

Não me lembro. Estava de ressaca. Bebi muito na festa de Ano Novo.

Dia 30 de fevereiro

Caro diário, este foi um dia muito especial. Especial por ser o dia 1° de março.

Dia 1° de março

Caro diário, este foi um dia muito especial. Especial por ser o dia 30 de fevereiro.

Dia 1° de abril

Diário querido, tudo o que eu disser aqui será mentira. Ao ler, ninguém vai acreditar. Melhor não registrar nada.

Dia 1° de maio

Dia de folga do Trabalhador. Ouço o barulho das máquinas lá do outro lado do muro da fábrica. As máquinas estão celebrando o Dia do Trabalhador. Há festa. Não ouço os operários. Só as máquinas. E como seria engravidar de uma dessas máquinas? – me pus a pensar.

Dia 12 de junho

Hoje é o Dia dos Namorados, meu doce diário. Há muitos anos não vejo Marta. Nossa relação continua a distância, não só física, mas também em relação ao tempo. Somos o casal inventor do namoro a distância no tempo,

Dia 2 de julho

Dia do Hospital. Para comemorar, tentei o suicídio ingerindo 280 comprimidos, depois liguei para o serviço de emergência e mandaram uma ambulância. Cheguei consciente ao Hospital. Um suicidiologista me examinou e disse: “Você não está tão mal, poderia até voltar para casa; quando for se matar, tome muitos, mas muitos comprimidos; tomar muitos comprimidos, isso sim isso pode levar à morte; está lá, escrito na Santa Bula de Todos os Remédios, numa página sem número”. Eu respondi: “Meu muito obrigado por lembrar, doutor, mas também está escrito lá na Santa Bula de Todos os Remédios o seguinte: ‘No dia 2 de

julho, Dia do Hospital, todos nós devemos fazer uma forcinha para visitá-lo', foi o que eu fiz". E depois de dizer isso, gritei: "Parabéns, Hospital; nós, os suicidas fracassados, gostamos muito de visitar você!".

Dia 12 de agosto

Caro diário, gostaria de ter feito anotações sobre todos os programas de hoje na TV, mas passei o dia inteiro consertando a antena. (Este é um registro sem muita sintonia com o Dia da Televisão.)

Dia 9 de setembro

Estimado diário, tudo passou tão rápido e não consegui anotar coisa alguma hoje. (Este é um registro rápido no Dia da Velocidade.)

Dia 5 de outubro

Caríssimo diário... O tempo passou voando, novamente não consegui anotar coisa alguma. (Registro rápido feito a bico de pena no Dia da Ave.)

Dia 2 de novembro

Diário meu, gostaria muito de anotar algo especial em suas páginas, pois é o Dia dos Mortos. Algo que fosse uma homenagem à memória de uma pessoa muito querida, muito amada. Mas, caríssimo diário, como sujeito cheio de ideias suicidas, não consigo homenagear os mortos, pelo simples fato de eu os invejar.

Dia 26 de dezembro

Amado diário, eu aqui de novo. Dei uma passadinha para lembrar que hoje é o Dia da Lembrança. E dizer que pretendo esquecer este ano.

FIM

Dia do 1º enterro de Marta Tarma

Acordei cedo e vesti um terno, o cravo na lapela. Fui até o ponto de ônibus e esperei. Cinco horas depois, o transporte coletivo para o cemitério Santa Bula de Todos os Remédios chegou. Estava lotado. Muita gente indo para o enterro de Marta. O motorista nem abriu a porta, apenas riu da minha cara e partiu. Maldito. Só me restou ir a pé até o meu destino e último destino de Marta.

Até cheguei bem cedo. Mas não havia ninguém. O portão do cemitério ainda fechado. Permaneci ali fora, o cravo na lapela murchando. O terno ensopado de suor por causa da caminhada. E a minha cabeça também. Um noivo horroroso! Queria tanto que esse encontro com Marta fosse especial e finalmente pudessemos nos casar. Mas nesta minha condição, todo suado, o cravo morto na lapela, não gostaria de me encontrar com Marta. Ela iria me dar um pé na bunda. Sempre foi exigente com essa coisa de visual.

Passaram-se horas e o portão não foi aberto. Então fui dar uma caminhada pelos arredores do cemitério. As ruas estavam vazias. Eu me sentia vazio. O túmulo de Marta estava vazio.

Comecei a pensar se ela não estaria se sentindo bem para vir até aqui. Se estava feliz. Ela, que quase sempre estava feliz, escrevendo bilhetes com mensagens de despedida para suicidas rindo, tomando cerveja ou cachaça. Fumando charuto. Uma vez eu lhe disse: "Deixe o charuto para quando o nosso filho nascer". Ela me deu uma baforada na cara e respondeu: "Pra ter filho com você, só casando; mas, pra isso acontecer, só morta". Por isso, estou aqui hoje. Ainda há uma chance.

A noite chegou e passou um carro de som avisando: "O enterro da mais famosa e adorada escritora de bilhetes com mensagens de despedida para suicidas, Marta Tarma, foi cancelado, ela está indisposta".

Quarta-feira do Ano Sagrado da Santa Bula de Todos os Remédios

Ontem foi um dia muito diferente dos outros. De todos os outros dias mais diferentes da minha vida. A cada dia, uma lição sagrada. Assim é a vida.

Amanhã, verei que hoje (que será ontem) não foi diferente, pois os meus dias de ontem continuarão a ser muito diferentes de todos os outros dias.

Essa constante mudança dos dias de ontem em relação aos outros dias de ontem pode realmente entediar. Mudança constante também é algo repetitivo. E isso pode perturbar, representar perigo. Colocar a vida em risco. (Alerta para ideação suicida em caso de tédio.) Nada muda: cada ontem é diferente. Essa falta de alteração na dinâmica dos ontens entedia. Coloca a vida em risco.

Novamente hoje

Como nunca ouvi relatos sobre alguém possuir uma cela dentro de casa, mandei construir uma.

Contratei um serviço 24h de construção de celas caseiras. Fizeram tudo muito rápido. Tão rápido que acabei dentro dela. Detalhe: a chave ficou do lado de fora. E qual o grande problema disso? O grande problema é que mesmo eu pretendendo me enforcar, por estar preso inocentemente numa cela feita por uma empresa de construção de celas caseiras 24h, não haveria como. O lençol ficou do lado de fora, junto com a cama. E, sim, estou sofrendo muito por ser inocente e ter sido condenado à prisão sem direito de me matar com o maldito lençol.

Foi uma grande burrice de minha parte contrariar a ideia de “praticamente ninguém possuir uma cela dentro de casa”. Se eu não fosse tão estúpido, poderia ter saído cedo só para comprar ovos, sem pensar naquela coisa de fechar a cela e jogar a chave dentro. E menos ainda ter pensado em mandar construir uma porcaria de uma cela com a chave jogada do lado de fora. Eu estaria agora comendo um pão com mundo básico, já que o ovo é o mundo, de acordo com o escritor sem nome. E poderia finalizar o lanchinho, básico, com 279 ou 277 comprimidos. Isso seria ainda mais básico.

Então, o telefone toca bem ao meu lado. Sorte básica! Ele acabou ficando dentro da cela comigo. Agora, é só telefonar para um serviço 24h de alvará de soltura para prisioneiros que mandam construir a própria cela em casa e não ficam com a chave e tudo bem, viva a liberdade!

Anteontem, às 15h

Uma década atrás, li na Santa Bula de Todos os Remédios o relato de um assassino em série. Ele disse que nem todos os seus assassinatos foram por causa de sua psicopatia.

Interessei-me pela declaração do assassino em série e fui pesquisar mais sobre seus crimes. Dos seus 30 assassinatos, fiquei sabendo, nem todos apresentaram o mesmo padrão para a execução das vítimas. 10 apresentaram padrão A; 10, padrão B; e 10, padrão C.

Acabei por concluir que realmente nem todos os assassinatos cometidos pelo assassino em série estavam ligados a uma simples psicopatia. Mas sim a uma tripla psicopatia.

As curiosidades não acabam aí: dos 30 assassinatos cometidos pelo assassino em série, ele se arrependeu de 10 (10 anos depois); em outros 10, sentiu empatia pelas vítimas na hora de executá-las; e, nos 10 restantes, disse não saber se tinha sentido algo, pois essa coisa de sentimento não era com ele.

Dia sem data; hora e local indeterminados

Maldito diário, não tenha esperança. Registro aqui apenas as sombras. O escuro crescido comigo durante a vida. E o que posso lhe dizer, estúpido diário, é que diante da proximidade da morte a solidão se agrava. O desespero humilha e pisa a garganta de toda e qualquer forma de felicidade. Cala o êxtase com um tapa de mãos ossudas. Aperta com gadanhos afiados a goela de quem lança ao universo os mais inúteis pensamentos positivos. Massacra com um porrete as cabeçorras repletas de alegria. Chuta o estômago da felicidade, fura sua pança enorme e a estripa para acabar de vez com o entusiasmo. Entusiasmo que, óbvio, é mórbido em situações à beira da morte. Mas o Mundo e as pessoas, mesmo assim, nos recomendam o entusiasmo, desprezando nossos mais íntimos prazer e desprazer no pavor e na loucura, esses inimigos do êxtase e do apego ordinário à vida. O Mundo e as pessoas consideram os momentos de agonia e desespero como estados de puro egoísmo e com isso só podem encontrar generosidade na alegria. Contudo, muitos não imaginam ser impossível recomendar a alegria a quem, organicamente, não pode tê-la. Não é possível a alegria agir como antídoto para os torturados pelo desespero e pela obsessão com a morte, com o Nada. Além disso, o entusiasmo diante dos estados mórbidos só pode nos dar soluções alienantes, tornando desnecessária toda e qualquer justificativa para a vida e a morte. Na verdade, o mínimo desespero e a mínima agonia se revelam muito mais profundos e complexos do que quaisquer estados de êxtase e alegria absolutos. O desespero é um produto artesanal esculpido no centro nervoso da alma dos homens e a alegria, um produto importado diretamente do inferno, disponível nas gôndolas dos supermercados.

Este trecho foi retirado do Diário do Redator Suicida da Santa Bula de Todos os Remédios e faz parte do meu projeto de

transformar o diário num gênero chamado “diário de autoficção dos outros”, podendo esses outros até estarem mortos, e isso nos possibilita entender um pouquinho melhor os sofrimentos causados pelo Transtorno de suicídio.

Dia quatorze de abril

la saindo cedo de casa para nunca mais voltar. Mas essa ideia durou pouco.

No caminho, me deparei novamente com o bilhete de despedida de uma suicida pichado num muro: "A vida me deu algumas lições, mas a lição definitiva quem me dará é a morte".

Corri de volta pra casa e agarrei o telefone. Teclei o número de Marta e a voz do outro lado atendeu: "Marta morreu faz 18 anos e 12 horas!". "Eu sei!" – respondi. "Morreu!" – a voz do outro lado repetiu e completou: "O enterro será daqui a dois dias". E então desligou batendo com força o telefone no gancho.

Liguei novamente. Perguntei: "O que houve com Marta para não ter comparecido ao próprio enterro?". "Ela não teve uma morte agradável; morreu exausta, escrevendo bilhetes com mensagens de despedida para os suicidas, precisou de um descanso antes do descanso final" – a voz do outro lado respondeu. E repetiu: "Daqui a dois dias será o enterro".

Dia da metalinguagem 2, às 25h61min da madrugada

(Fazer experimentos com a linguagem sob efeito de medicamentos psiquiátricos. Isso não dever ser permitido, pelo bem dos todos os escritos, pelo bem dos diários, dos diários de autoficção dos outros e dos diários enxutos. O trabalho com a linguagem pode ficar confuso. Mal definido. E, além disso, como seriam classificados os gêneros caso fossem misturados no texto de um escritor sob efeitos de medicamentos psiquiátricos? Sim, tudo misturado. Limites imprecisos. Ficção, poemas, romance, teatro, conto, anedota, paródia, paráfrase, listas, pensamentos soltos, reflexões e situações inverossímeis. O absurdo, o grotesco, o fantástico. O Surrealismo. A Patafísica. O escritor, sob efeito de medicamentos psiquiátricos, pode se achar em estado de grande euforia, pode produzir tudo muito rápido, sem pensar nas consequências disso. Pode fazer a escrita ficar no limbo, entre a lucidez e a alucinação, pode ser extremamente paradoxal, pode soar a um provocador da pior espécie ou, ainda, e o pior nisso tudo: pode romper a barreira entre os gêneros. Mas não haverá nada de novo nisso. Apenas um novo nome: literatura pangênero. Um abacaxi a mais para a crítica e para a Academia. Um pepino a mais para os teóricos da identidade de gêneros textuais. Um escritor sob efeito de medicamentos psiquiátricos na verdade não passa de um cultivador de abacaxis e pepinos numa enorme plantação de linguagem. Por outro lado, o escritor, sob efeito de medicamentos psiquiátricos, pode se achar tão esmagado pela realidade (a real e a inventada) que, curvado em sua cama, em posição fetal, fica somente à espera do momento em que comece a encolher, encolher até voltar a ser semente, na esperança de brotar outra vez, mas agora em forma de linguagem. Seu corpo, a própria linguagem. O renascimento. Com a força de um deus a criar os mais inusitados, os mais admiráveis enunciados. Deus e linguagem. Deus = linguagem (dizem). (Ou seria verbo? Sei lá.) Mas o escritor apenas se contrai. Não volta a ser. Seu corpo é

apenas um discurso encerrado em si mesmo. Seu corpo – em posição fetal, sob efeito de medicamentos psiquiátricos – abortado. Com isso. A linguagem. Que é deus. (Mas deus não seria verbo ou o verbo era deus? Sei lá.) A linguagem também não. Nascerá. E o escritor que. É. Um feto abortado. Aborta. Deus quando é. Abortado. E assim aborta a. Linguagem. Também.)

E por qual motivo escrevo tudo isso? Simplesmente por ser melhor escrever alguma coisa do que deixar páginas em branco num diário. E o diário é igual a um padrão perverso e explorador. Exige-nos a escrita todos os dias. A qualquer preço. Pois segundo a Lei Maior e Incontestável dos Diários, descrita no capítulo Lei Maior e Incontestável dos Diários, contido na Santa Bula de Todos os Remédios, deixar páginas em branco na nossa história pessoal é sinal de (além de omissão) grande covardia. Uma covardia igual àquela da qual sofrem certos escritores diante de uma inofensiva página em branco. Escrever é uma ordem (interna? Tanto faz). Mesmo sendo tudo mentira ou invenção, tanto faz. “O diário é um santo remédio contra a falta de memória que pode nos acometer a qualquer instante”, está lá, escrito na Santa Bula de Todos os Remédios. E, convenhamos, melhor uma mentira bem contada que uma verdade irrelevante. Além disso, a própria memória nos engana. Nos trai. É desleal. Não aceita críticas. Não pede desculpa. E se você a questiona, ela pode responder com tratamento de silêncio. A memória, apesar de falível, tem o ego gigante. Sofre de Transtorno de personalidade narcisista.

E por qual motivo escrevo tudo isso? Para poder inventar o meu paradisíaco relacionamento infernal (de um dia (eterno)) com Riama Machado. Ou Miara Chamado? E para poder começar o segundo capítulo deste diário. Inaugurando assim o meu “diário com capítulos”.

II.

Dia da relação, da meia-noite de um dia à meia-noite do outro

Não seria errado dizer que tropeçamos um no cadáver do outro. Eu estava exausto. Tudo aconteceu no dia do segundo enterro de Marta. Eu havia ficado o tempo todo andando pelas adjacências do cemitério, esperando pelo momento no qual a multidão de fãs começasse a dispersar, me permitindo, assim, acessar o local do túmulo onde Marta seria depositada. Contudo esgotei minhas esperanças de entrar no cemitério às 23h20min. Ainda estava lotado. O enterro terminou por volta das 23h34min. Às 23h50min, o portão do cemitério já vazio foi fechado. Sentei-me no meio-fio e comecei a chorar. Não sei se foi por não ter me despedido de Marta Tarma me casando com ela na hora de seu enterro ou por minhas pernas estarem doendo. Só sei que, não muito depois, à meia-noite, Riama Machado tropeçou em mim. Ou fui eu quem tropeçou nela. Riama estava um trapo, chorando a morte de seu namorado. Ele era o revisor dos bilhetes com mensagens de despedida para suicidas escritos por Marta Tarma. De tanto ler e reler os bilhetes, acabou comprando a ideia e se matou bem no dia da morte de Marta e foi enterrado ao seu lado. Mas isso (o enterro de Marta e o suicídio do revisor) é para ser contado em um outro momento (ou mesmo nem ser contado). Riama parecia transtornada. Por isso, não pedi desculpa por ter me dado um chute após tropeçar em mim. Deve ter sido um chute. Não me lembro bem. Mas me lembro de ter dito: "Você, além de ter tropeçado em mim, me chutou. Peça desculpa!". Ela me assestou com olhar penetrante, desejava me seduzir, e disse: "Eu nunca peço desculpa e odeio críticas!". Revidei: "Eu perdoo você, está transtornada, sofre de Transtorno de personalidade narcisista!". E ela respondeu: "Você também sofre de narcisismo, mas não lhe perdoarei, jamais". Revidei:

“Não sou narcisista, sofro de megalomania”. E, já prevendo a odisseia em nosso relacionamento, completei: “Meu nome é Ulisses, muito prazer”. Riama revidou: “O prazer é todo seu, meu nome é...”. Olhei para ela com ódio desmedido. E ela ainda tentou me seduzir com seu olhar levemente oblíquo. Pulamos um em cima do outro e rasgamos as roupas um do outro, começamos a morder um ao outro, mastigar um ao outro. Começamos a rolar na calçada, no asfalto. Quando vimos, estávamos lutando dentro de um táxi. Depois, fomos atirados em frente à porta de um sanatório, o Sanatório Ítaca. Fomos recolhidos, e lá dentro começamos a nos agredir novamente e a fazer amor de modo transtornado. Fomos jogados num quarto com paredes acolchoadas. E continuamos nossa batalha amorosa para ver qual de nós destruiria o outro primeiro. “Dois canibais”, gritou um dos enfermeiros, “venham ver”. Em poucos segundos, os funcionários do sanatório estavam todos ali se revezando para nos espiar pelo buraco na porta; aquele buraco por onde nos passariam a comida e os remédios. A comida que não comeríamos e os remédios que não fariam efeito, pois continuaríamos nossa luta. Riama Machado me acertou um soco no olho direito e na sequência pulou em cima de mim para morder minha orelha e me beijar de um modo ainda mais alucinado. Eu revidei: “Jamais bato em mulher, mas posso lhe dar um pé na bunda: está tudo acabado entre nós”. Ela revidou: “Você sempre age feito um idiota?”. Revidei: “Pelo menos peço desculpa: desculpa!”. Ela revidou de novo, agora com silêncio. Então, eu disse: “Lá vem a Lei do Tratamento de Silêncio, mas essa não está na Santa Bula de Todos os Remédios, e sim na Constituição Não Democrática da República Narcisista”. Ela quebrou o silêncio só para dizer: “Já li as duas, tanto a Santa Bula quanto a Constituição Não Democrática da República Narcisista, e decorei as duas, e ainda interpretei personagens desses dois textos no teatro”. Eu provoqueei: “Algumas leis dão margens a interpretações distintas, mas a Lei do Tratamento de Silêncio, não, é bem objetiva, aliás: ‘Se um narcisista ou uma narcisista tiver seu comportamento

questionado, deve, no instante seguinte, aplicar a Lei do Tratamento de Silêncio até a outra parte, culpada ou não, se desculpar com profundo e incalculável arrependimento', está escrito lá, na Lei do Tratamento de Silêncio". E provoqueei de novo: "Então você é a atriz Riama Machado (ou seria Miara Chamado?); ah, vocês, atores e atrizes!, estão sempre interpretando, sendo falsos, muitas vezes até os seus próprios nomes são falsos. Atrizes e atores são narcisistas e sempre querem nos confundir: o nome disso é gaslighting". Riama continuou em silêncio. E foi um longo silêncio. Nessa hora, um enorme sentimento de culpa passou a me consumir, a ponto de eu ficar sem forças; me deitei num canto, contraí o corpo em posição fetal, com todo o peso do mundo sobre mim. A culpa era tão grande. Até pensei em pedir desculpa pelo que tinha dito e feito a Riama. O sentimento de culpa era tão, mas tão imenso... Comecei a pensar em pedir desculpa até pelo que eu não tinha dito ou feito, a pensar em pedir desculpa até pelo que Riama Machado tinha dito e feito a mim e iria dizer e fazer no futuro de nossa relação, se tivéssemos futuro. E, apesar da minha posição fetal, eu sabia: não voltaria a ser semente. Não havia esperança de brotar outra vez em forma de linguagem. Meu corpo, a própria linguagem. O renascimento. Com a força de um deus a criar os mais inusitados, os mais admiráveis enunciados. Deus e linguagem. Deus = linguagem. (Mas talvez deus seja verbo ou o verbo é que é deus, sei lá.) E continuei a me contrair. Mais e mais. Meu corpo se tornou um discurso encerrado em si mesmo. Meu corpo, em posição fetal, abortado. Abortado! [Esgotado, dormi por alguns minutos e sonhei que eu e Riama Machado havíamos feito um filho (um menino), mas a gravidez foi interrompida. (O motivo? Favor consultar a obra Os Mistérios dos Sonhos, contida no volume único, primeira e única edição, primeira e única impressão da Santa Bula de Todos os Remédios.) A culpa, e não poderia ser de outro modo, começou a me consumir dentro do sonho. Acordei chamando pela criança. A criança da qual eu não lembrava o nome (ou não sabia mesmo o nome). Num momento do

sonho, ela surgiu já crescida. Vestia uniforme escolar, desses de escolas tradicionais vistos em filmes estrangeiros: o terno escuro, o colete vermelho e a camisa branca com gravata preta. Era um menino de cabelo claro e liso, um menino um tanto robusto ou, diríamos, fortinho. Já entrava pela adolescência. Ele queria me dizer alguma coisa. Mas não consegui entender. Então, me veio à cabeça gritar: "Urso Forte!". E, ao gritar, o menino desapareceu.] Acordei com Riama Machado esfregando sua língua no meu corpo. "Isso é um banho de gato dado em um gato por outro gato?", perguntei. Ela não respondeu e continuou a me lambar, agora na altura da coxa (não sei qual das coxas, se direita ou esquerda, detalhe irrelevante para um diário). A Lei do Tratamento de Silêncio só poderia ser quebrada se eu pedisse desculpa, pensei. E, sim, o sentimento de culpa ainda me consumia. Pedi a Miara para se levantar; eu ia lhe implorar perdão de joelhos. Nesse momento, ela parou de me lambar e gritou: "Uma cicatriz!, você é Ulisses". E eu gritei: "Meu nome eu já lhe disse, qual a surpresa?, e, aliás, isso não é uma cicatriz assim tão cicatriz, é uma marca de psoríase". "Claro, eu desconfiava, essa marca de psoríase no seu... Você é o revisor dos bilhetes com mensagens de despedida para suicidas escritos por Marta Tarma e também é o escritor de diários de autoficção dos outros e diários enxutos, além de meu namorado com tendência a tirar a própria vida; e quem é você para dizer '(...) atores e atrizes estão sempre interpretando, sendo falsos, muitas vezes até os seus próprios nomes são falsos. Atrizes e atores são narcisistas e sempre querem nos confundir: o nome disso é gaslighting?'; ah, os escritores!, os piores dos narcisistas, os mais mentirosos de todos, mentem sobretudo na autoficção dos outros, e toda ficção é uma grande mentira (e isso independentemente de ter muitas ou poucas páginas), mesmo a autobiografia é mentira. Na autobiografia, o autor elabora todo um processo de exotopia¹ (espécie de acabamento dado ao eu lá atrás no tempo e no

1 Conferir em Filosofia da Linguagem, capítulo da Santa Bula de Todos os Remédios escrito em alfabeto cirílico.

espaço e que já é um eu outro) para narrar sobre si mesmo; portanto, o eu da autobiografia não é um eu de verdade, é um eu num tempo e espaço passados, um personagem criado pelo eu do presente; assim, o personagem chamado de Eu não é nada real, seus relatos são pura memória, e a memória sempre nos trai, é desleal, não aceita críticas, não pede desculpa e se você a questiona ela pode responder com a Lei do Tratamento de Silêncio, a memória sofre de transtorno de personalidade narcisista. E os narcisistas, sobretudo os escritores, têm um ego gigante; são exatamente como a memória, mentem, e às vezes se utilizam do ele como eu ou do eu como ele, já nem sei mais; enfim, isso tudo me deixa confusa, você me deixa confusa; o nome de todo e qualquer tipo de ficção é gaslighting!, e outra: qual a razão de você estar aqui, vivo, depois de acabar de ser enterrado neste mesmo cemitério, na sepultura de Marta Tarma?”. Não refutei as acusações de Riama Machado. Era tudo verdade. Sobre o meu enterro, expliquei: “Quando os maçons morrem, seus corpos são levados pelo diabo (por causa do pacto, entende?) e no lugar dos corpos deles, dos maçons, é colocado, na hora do enterro, um tronco de bananeira no caixão (e este é lacrado); portanto não morri, eu era um tronco de bananeira naquele caixão lacrado”. Riama disse: “Eu sei, já fui casada com outro maçom; na verdade, nos casamos só para que ele pudesse exibir uma mulher, uma família (inventamos até um filho); isso facilitaria sua entrada na Maçonaria, mas ele também não morreu, e, se tivesse morrido, no lugar de seu corpo jamais poderia ser enterrado um tronco de bananeira, pois ele era apenas um banana; uma parte tão importante de uma árvore jamais aceitaria representá-lo”. Ela continuou: “E por você mentir sobre ter morrido, eu vou matar você agora!”. Como eu ainda estava ajoelhado diante dela para pedir perdão (mas não o fiz), dei-lhe uma bela de uma mordida num dos joelhos (no esquerdo ou direito, o lado não importa num diário). Ela gritou: “Seu animal”. E saltou novamente em cima de mim e se pôs a me morder. Nos mordíamos feito dois loucos, feito dois malucos bestializados.

Começamos mais uma batalha. E essa só terminou quando chamaram, à noite, o Doutor Hannibal, diretor do Sanatório Ítaca. Ele chegou dizendo: "Sumam daqui, seus doidos; do contrário, eu participarei dessa refeição; estão liberados". Fomos jogados na sarjeta. Nessa hora, olhei com ódio desmedido para Riama, um ódio de puro amor, e ela tentou me seduzir com seu olhar bondosamente macabro. Pulamos um em cima do outro e rasgamos as roupas um do outro, começamos a morder um ao outro, mastigar um ao outro e continuamos dedicados à luta. Até começarmos a lutar no asfalto. Quando vimos, estávamos lutando dentro de um táxi. Depois, fomos atirados do carro bem em frente ao cemitério, à meia-noite.

Da viagem para encontrar o filho

Eu tinha certeza de poder encontrar nosso filho no país vizinho.

Não era um lugar constantemente frio. Uma região dele, sim, era muito fria, no inverno. Outra era fria no inverno e muito quente no verão. Viajei no inverno, pois as roupas do nosso filho, naquele meu sonho no Sanatório Ítaca, indicavam que ele estava num lugar frio. Ou quase frio. Sim, mais para frio do que para muito frio. Frio.

Sim. Eu tinha certeza de poder encontrar, no país vizinho, o nosso filho, meu e de Riama Machado, porque somente para o país vizinho eu podia pagar uma corrida de táxi. Mas eu não tinha dúvidas. Estava apostando no lugar certo. Alguma coisa me dizia que durante minha relação eterna de 24 horas com Riama nós tínhamos viajado para este mesmo país. Fomos até lá dentro de um táxi, brigando com muita dedicação e amor. Ficamos tão destruídos... E, além disso, perdemos tudo pelo caminho. Roupas, documentos, dinheiro e sobretudo a dignidade. Sem contar a destruição do táxi. Por conta de termos ficado sem nada, tivemos de passar um período por lá, no país vizinho, até nos recuperarmos e até o momento no qual o nosso filho nasceu. E ele nasceu num quarto de hotel, eu tinha certeza disso. Um hotel da capital, localizado na região central.

Desci do táxi em frente ao primeiro hotel encontrado no centro. Mas não era esse o hotel.

Quando fui pagar pela corrida, percebi que o motorista tinha algumas cicatrizes no corpo. No rosto, nos braços, no pescoço. Ele não falou comigo durante toda a viagem. Mas, quando fui pagá-lo, ele disse: "Você ainda me deve um carro, um táxi". Aquilo, confesso, me assustou. Suas cicatrizes me assustaram. Seu tom de voz me assustou. Tudo nele era assustador. E eu não sabia qual a razão. Talvez fosse um veterano de guerra transformado em assassino por causa de algum transtorno mental adquirido no campo de batalha. Ocorreu-me ainda que podia

ser o soldado do qual eu havia engravidado num sonho, e, por isso, pensei em cobrá-lo pela pensão alimentícia, dizendo algo como “Quem deve alguma coisa aqui é você; aliás, deve ao seu filho”. Mas ele também podia ser o assassino em série daquele relato publicado na Santa Bula de Todos os Remédios; por isso, preferi não falar nada. Quando olhei para o meu pescoço com cicatrizes, vi que usava uma corrente fina com a foto de uma mulher muito parecida com Riama Machado. Idêntica a Riama Machado. Era Riama Machado.

Eu também tenho muitas cicatrizes pelo corpo. Ele deve ter se assustado comigo por causa disso. Levo ainda uma corrente no pescoço com a foto de Riama. Mas essa foto está por baixo da de Marta Tarma. Às vezes, coloco-a por cima. Depende do ódio ou do amor que estou sentindo.

Mas o nosso filho era o mais importante agora, e não a nossa relação destruidora de amor & luta. Amor & Luta, isso me fez lembrar do título do livro lançado por Riama com base em nossas histórias de luta destruidora e amor suicida. Não deixou de ser atriz; contudo passou a mentir mais do que antes por ter acumulado as profissões de atriz e escritora. Uma aproveitadora, isso sim. Mas eu sou um canalha e não posso falar nada de Riama. Estou escrevendo este diário sobre, entre outras coisas, nossa bela e bélica relação para ver se ganho um prêmio do estado. Um prêmio de 183.000 dinheiros. Já li o livro escrito de Riama. Essa mulher acredita que tivemos uma bela história. E a beleza da nossa história está, segundo ela, na luta. “As lutas nos destroem para que possamos nos reconstruir”, afirmou numa entrevista. A palavra Luta no título, segundo ela ainda, ajuda a vender mais livros do que a palavra Amor. Mas o pior é ela ter colocado nossas fotos na maldita publicação. Partes dos nossos corpos aparecem feridas nessas imagens. Não sei como ela conseguiu nos fotografar durante as brigas. Devem ter sido os funcionários do Sanatório Ítaca que fizeram o servicinho sujo. Depois, Riama certamente comprou as fotos feitas por eles e as utilizou nesse livrinho no qual apareço como um sujeito des-

controlado, vivendo sob efeito de medicamentos psiquiátricos. Ansioso e depressivo. Bipolar. Um sujeitinho com dor crônica que gerava dor em nossa relação e no coraçãozinho angelical e astuto de Riama. Mas okay, este diário também é uma vingança contra uma pessoa vingativa. Somos, na verdade, dois pobres diabos. Figuras pequenas a sabotar todo e qualquer tipo de relação. Dois narcisistas dos infernos. Mas há muito amor entre nós. Só não há pedidos de desculpa pelas pancadas desferidas durante as intensas 24 horas do nosso belo e bélico amor. Temos muitas feridas abertas. E um filho. E é ele o mais importante. Pois apenas ele restou da nossa relação. É o melhor de nós. Mas o melhor sempre foi abortado por nós.

“Urso Forte!”

Recordei a potência do meu grito no meio daquele sonho quando vi o garoto. Agora precisava encontrá-lo.

Era o começo da manhã quando cheguei à capital do país vizinho. Assim que entrei no quarto do hotel, tirei uma soneca. Nem deu para sonhar. Talvez no sonho eu pudesse encontrar nosso filho e levá-lo para casa. Mas precisava sonhar no hotel certo. Saí para caminhar e pensar. Onde estaria o hotel? Depois de algum tempo (um bom tempo, na verdade), cheguei a um parque enorme. Lembro-me de que eu e Riama tomamos ali, certa vez, um café gelado com creme. Foi um dos raros momentos em que ela me deu um gelo sem ser o gelo imposto pelo Lei do Tratamento de Silêncio. Foi um gelo doce. Bebemos do mesmo copo. Eu tirava o creme de sua boca. Ela, da minha. Depois, voltamos ao hotel e transamos. Dessa vez foi um amor sem luta. Um amor feito dos três amores. Ágape, Philos e Eros. Riama estava muito bonita, como sempre esteve, mas nesse dia ela estava ainda mais especial. Era de uma beleza rara. Emanava muita luz. Então, não foi difícil surgir algo belo (e não bélico) entre nós.

Mas logo esse algo belo seria abortado. Já éramos mestres em sabotagem nas relações e nos tornamos, naquele curto espaço de tempo, mestres em aborto.

Caminhei um pouco mais e cheguei ao cemitério, bem ao lado do parque. Eu e Riama tivemos um momento especial por ali. Fizemos amor sobre um túmulo, um amor amado pelos dois e, assim, amando o amor, fomos felizes por um bom tempo na nossa eterna relação de 24h. E, creio, foi ali que Riama engravidou. Mas não tenho certeza.

Eu me encontrava parado em frente ao portão do cemitério quando surgiu um menino loiro, olhos azuis, franzino. Um menino luminoso. Ele falava a minha língua e carregava uma câmera fotográfica amarela. Não era o meu filho com Riama. Logo pensei que ele pudesse ser o meu filho com Marta. E que poderia ter sido feito naquele período de 5 dias de 5 horas em que eu e a mãe dele vivemos um grande amor nas páginas em branco de um diário. Mas isso não importava. O que importava era que o menino com a câmera tinha muito de mim. Reconheci-me nele. No modo de andar e no branco da esclerótica. Estava pelo parque fotografando cachorros, me disse ele, e dentro do cemitério fotografava uns gatos enormes. Me convidou para entrar. Deixei o receio de lado e fui com o menino. “Vamos, sim, meu filho, vou com você.”

Havia muitos turistas. Muitas ruas e quadras dentro do cemitério. Muitos, muitos mausoléus de mármore e abóbadas e estátuas. O garoto ia atrás dos gatos enormes e preguiçosos para fotografar. Quando encontrou um gato preto, chamou: “Vem aqui, Edgar”. O gato veio, fez pose para a foto e entrou no buraco que havia na parede de um túmulo. Perguntei ao menino: “Você não tem nojo desses comedores de ratos de cemitério?”. Ele respondeu: “Eles não estão aqui por causa dos ratos; Edgar, por exemplo, costuma se abrigar em túmulos e jazigos de pessoas assassinadas e soltar um miado feroz e muito alto quando os assassinos das pessoas que ali se acham enterradas aparecem para uma visitinha a sua vítima; nesse momento, os funcionários do cemitério acionam a polícia; muitos assassinos em série já foram pegos assim, indo visitar o local onde suas vítimas estão enterradas, por isso Edgar cumpre um papel muito especial na

segurança desta necrópole e desta cidade". Eu disse: "Não sabia que os gatos de cemitério agiam dessa maneira, são fantásticos!". "Fantásticos e sensitivos, estão aqui para fazer uma limpeza na energia negativa do lugar, eles absorvem as dores das pessoas que vêm aqui chorar pelos seus mortos e passam a carregar essas dores em seus pequenos corpos." Imediatamente me lembrei das minhas dores crônicas. Nem precisava me lembrar, elas não saíam de mim. Fiquei pensando na possibilidade de, numa outra encarnação, eu ter sido um gato de cemitério. O menino luminoso me trouxe de volta desse pensamento: "Aquele é o Sabú; na verdade, é um cão reencarnado num gato; Sabú morreu no mesmo dia que sua dona; ela estava a 14.000 Km daqui; acabou soterrada por uma avalanche durante sua lua de mel; agora o Sabú vive, no corpo de um gato, dentro da cripta dela".

Andamos mais pelo local. E eu imaginava quando e como poderia encontrar meu filho com Riama. Estava cansado da viagem e começava a me cansar daquela necrópole abarrotada de gente viva e morta, gatos sensitivos, dores, abóbadas, estátuas e sepulturas abertas com caixões de crianças à vista, caindo aos pedaços, e restos mortais. Já ia querendo deixar o lugar quando o menino me disse: "Este é o Bioy, um dos meus animais preferidos, ele entra no túmulo de seu dono e desaparece por dias". O gato de repente me encara e sai em disparada. O meu filho luminoso, rindo, pois estava se divertindo, afinal é uma criança, grita: "Vamos, pai, vamos atrás dele". Não podendo recusar-lhe o pedido, saímos à caça de Bioy, que entra no mausoléu onde está enterrado seu dono. A enorme sepultura está aberta. "Entra lá, pai, traz o Bioy de volta, não quero que ele desapareça outra vez." "Está bem, meu filho reluzente." Ao entrar, o mausoléu tornou-se gigante. Parecia ter aumentado muito de tamanho. E essas coisas de sepulturas, mortes, caixões e outros etcéteras já estavam me fazendo muito mal. Além do mais, estava me sentindo fraco. Encostei-me em uma das paredes e fechei os olhos para me recompor.

[Encontro-me agora entre três construções. Um museu, uma capela e uma piscina. Fico só observando algumas pessoas ao longe, tentando me esconder para não ser visto. Sinto medo. Mas chega o momento no qual começo a ver a projeção de imagens de um menino. Ele usa as mesmas roupas e tem a mesma feição do nosso filho, meu e de Riama. São imagens de momentos alegres de sua vida. É como se fosse um filme. Um filme no qual o menino vive uma alegria sem fim. Às vezes, ele surge num quarto de hotel. E ri. Ao fundo, enxerga duas pessoas que também riem. Logo as reconheço: somos eu e Riama Machado. Estamos numa luta. Mas uma luta de travesseiros. Penas brancas voam por todos os lados. Tudo é branco. Parece que estamos em meio às nuvens. Nós três rimos. Rimos durante um bom tempo. Depois, o menino surge do lado de fora, em frente à porta do quarto onde há uma plaquinha com um nome escrito. É o nome de um músico do país vizinho. Concluo que os quartos desse hotel não levam números. São identificados por nomes de artistas conhecidos. Deve ser isso. O menino, sorrindo, mostra algo bordado em seu uniforme. É um nome. E começa com B. Be. Ba. Ber. Bar. Está desfocado. Deve ser o nome dele. Ele insiste em mostrar. Não consigo ler. Não consigo. Então, grito: “Urso Forte!”]

“Você está bem?”, me pergunta o menino luminoso. “Você deve ter apagado aí dentro.” Respondo: “Devo sim, meu filho, estou muito cansado, vem comigo, precisamos encontrar um hotel, mas não qualquer hotel”.

Enquanto caminhamos, dou uma pausa para comprar o Guia da Cidade. Talvez assim possa encontrar alguma informação sobre hotéis. Não demora muito e está lá: uma pequena matéria sobre o hotel sem numeração nos quartos, mas com nomes de personalidades do meio artístico para identificá-los. O pequeno anúncio inclusive trata dessa peculiaridade.

Hotel de los Artistas. Estivemos hospedados por lá, eu e Riama Machado.

Enfim, chegamos ao mencionado hotel. Eu estava esgotado. Perguntei se havia um quarto com o nome do músico, o quarto mostrado no sonho pelo meu filho desaparecido.

Sim, havia.

No banheiro, uma banheira enorme. O menino luminoso ficou muito feliz ao vê-la e disse que ia ficar lá dentro por um tempão. “Posso?”, ele perguntou. Respondi: “Claro, filho, fique o quanto quiser, só não vai derreter feito sabonete e desaparecer”. Em seguida, me deitei. Queria só descansar um pouco para poder encontrar meu outro filho, nosso filho, meu e de Riama. Começaria a busca perguntando aos funcionários se eles sabiam do caso de um menino que tinha nascido ali, anos atrás, no mesmo quarto em que estávamos hospedados naquele momento, eu e o menino luminoso. E, se sabiam, o que houve com ele? Havia registros de minha passagem por ali com Riama? Algum registro sobre o nascimento do menino? Eu precisava de provas reais. Depois, com elas em mãos, procuraria por ajuda das autoridades ou sei lá de quem.

“Urso Forte!”

Meu filho luminoso me deu um tapinha no rosto, dizendo: “Acorda, acho você estava tendo um pesadelo”. “Como você sabe?”, perguntei. “Porque você gritou ‘Urso Forte!’”, ele respondeu. E continuou: “Então achei que era mesmo um pesadelo, um pesadelo com um urso que atacava você em alguma floresta”. “Você parecia desesperado, se mexia muito na cama, seu rosto se contorcia, por isso, dei um tapa na sua cara; me desculpa, pai.” Respondi: “Claro que desculpa você; e o banho de banheira, como foi?” “Fiquei lá por mais de uma hora, veja a pele da minha mão”, ele disse. Estava toda enrugada. Respondi: “Deve ter sido ótimo o seu banho, agora coloque uma roupa e vamos comigo lá embaixo conversar com alguns funcionários deste lugar, não quero você aqui sozinho para que desapareça”.

Os funcionários do hotel foram muito atenciosos. Tentaram me ajudar como podiam. Mas, disseram, não havia registros de anos atrás. Eu disse: “Não é possível, tenho certeza de que

estivemos aqui no Ano Internacional da Paz Militar, um ano muito importante; não pode não haver registros desse período”. Um funcionário, que aparentava ter bem mais idade do que eu, me chamou num canto e falou que havíamos estado ali justamente no tempo em que a Repressão sequestrava artistas, ativistas, professores, jornalistas, escritores (e segue a lista) para prender e torturar ou desaparecer com eles. Quando não isso, sequestravam os filhos recém-nascidos dessa gente para doar às famílias de Repressores sem filhos. Do Hotel de los Artistas, ele disse ainda, levaram muita gente. E se o nosso filho tivesse nascido naquele lugar, certamente o levaram. Não era para ter esperança de registros disso. Era perda de tempo ir à polícia, foi ela que apagou todas as pistas. Então, finalizou perguntando se eu não me lembrava de termos sido torturados, eu e Riama.

Aquela história não podia ser verdadeira. Não me lembrava de termos sido torturados, não me lembrava dos Repressores. Minha memória estava sendo egoísta. Onde está o meu filho, memória dos infernos? Mas como era tarde da noite, desisti da busca por informações. “Por hoje chega”, falei para o menino luminoso. “Amanhã continuamos a procurar.”

O banho de banheira deve ter feito o meu filho luminoso relaxar tanto que mal acabamos de nos deitar e ele adormeceu. Era bom ouvir sua respiração ali ao meu lado. Ele havia me pedido para dormir na mesma cama que eu. Era uma criança e, por isso, devia sentir algum medo durante as noites. Além disso, a cama era bem espaçosa. Dormi logo em seguida. Um sono profundo. Tive alguns sonhos dos quais não me lembro. E outros de que me lembro bem, numa sequência que me deixou assustado. O primeiro sonho, naquela noite, não sei se foi exatamente um sonho. Só sei que eu ouvia a respiração de uma criança muito perto do meu ouvido e aquilo começou a me incomodar. Despertei e ia colocar meu filho luminoso numa posição que não pudesse respirar tão perto do meu tímpano (do lado direito, se é que o lado importa), mas ele estava dormindo de costas para mim, deixando um bom espaço entre nós. E, além disso,

sua respiração era calma. Aquilo me intrigou. Lembro-me de ter sentido um frio na espinha quando percebi que não tinha sido o menino luminoso que estava respirando perto de mim. Só sabia de uma coisa: tinha sido uma criança. Mas estava tão cansado e, por isso, não demorei a dormir de novo. Na sequência, sonhei que o braço de uma criança pesava sobre o meu ombro (o direito, se é que o lado importa). Era sonho, mas parecia real. Tão real que acordei querendo pegar o braço do meu filho luminoso para tirá-lo do meu ombro. No entanto, o menino continuava dormindo exatamente no mesmo lugar de antes. Nessa hora, achei que os meus sonhos eram resultado das imagens vistas durante o dia na necrópole; os túmulos destruídos pelo tempo, com caixões de crianças (e os ossos delas) à vista, caindo aos pedaços. Passou pela minha cabeça que alguma daquelas crianças deseja estabelecer contato comigo. A alma de uma criança pedindo socorro. Uma ideia absurda, a minha. Mas pensei justamente nisso. Dessa vez, demorei um pouco mais para voltar a dormir. Antes, aproximei o corpo do meu filho luminoso do meu. Eu sentia que devia protegê-lo de algo.

[Ele estava bem ali, em pé, parado em frente à cortina de veludo cor de vinho. Mexia os lábios. Queria me dizer algo. Usava aquelas roupas escolares tradicionais, ao estilo dos alunos dos países mais frios. A cor do cabelo. O tipo do cabelo. A altura e o corpo, um tanto robusto. Era quase um adolescente. Era um adolescente. Era o meu filho. O nosso filho, meu e de Riama. Finalmente o havia encontrado. Ele existia e tinha nascido ali, naquele hotel. Eu disse: “Vamos voltar pra casa, meu filho”. E perguntei: “Como você quer se chamar?”. Ele, rindo, tirou um livro de sua mochila e o abriu para me mostrar a imagem de um urso, um urso enorme e muito forte. Gritei: “Urso Forte!”. Enquanto isso, sua imagem foi desaparecendo no fundo cor de vinho, mas ainda pude ouvi-lo dizer o nome: Bernardo.]

“Pai, acorda, você está gritando”, disse o meu filho luminoso. “O quê?; gritando o quê?”, acordei perguntando. Ele me respondeu: “Urso Forte!”.

Pela primeira vez, em anos, chorei. Abracei meu filho luminoso e disse: "Vamos pra casa". E pensei: "Mas não para o Sanatório Ítaca".

FIM DO CAPÍTULO II

Hoje

Anteontem aprendi, lendo na bula única para todos os remédios, a Santa Bula de Todos os Remédios, que tomar muitos comprimidos (antidepressivos, ansiolíticos, sedativos, analgésicos, anticonvulsivos, estabilizadores de humor e segue a lista) pode matar uma pessoa.

Por sorte, terminei o dia tomando apenas 352.

Minha noite foi tranquila. Não relaxei, não vi filmes, não peguei um livro. Não pensei na morte. Fui levado diretamente para a UTI.

“Para uma pessoa morrer são necessários muitos comprimidos”, ouvi o médico dizer quando eu já estava em coma. “Está lá”, continuou, “na Santa Bula de Todos os Remédios; além disso, tomar 300 e tantos comprimidos é perda de tempo, do nosso e do dele mesmo, desse fracassado aí; daqui a pouco ele acorda e vai pra casa, continua tomando comprimidos no limite do permitido até que num outro momento de fraqueza, ou seria de coragem?, ele faz outra besteira dessas; se tivesse tomado apenas 279 comprimidos ou 277, ainda estaria em casa, nem precisaria vir pra cá, teria dormido um sono profundo, o sono dos mortos (mas por um tempo curto), e quando dormisse o sono dos mortos iria querer retornar rapidinho desse mesmo mundo dos mortos; ir para o mundo dos mortos por conta própria não é a mesma coisa que ser levado pra lá por uma força maior, já diziam os suicidas de sucesso.”

O que ele estava dizendo, então, é que eu sairia vivo. Sendo assim, eu não via sentido algum em parar a escrita do meu diário, mesmo estando numa UTI. Por isso, continuei. Não deixaria de escrever, por motivo algum, o terceiro capítulo deste diário com capítulos. Estar em coma não me impedirá de trabalhar. Nesta vida a gente só para de trabalhar quando morre, não quando está em coma.

III.

Dia sem data, UTI, hora indefinida

O colega de UTI, na cama ao lado, não parava de pensar. Pensava tão alto que eu não conseguia dormir mesmo estando em coma. E também eu não conseguia, naquela situação, fazer nada. Por exemplo, ler ou escrever. Então, tive de interromper a escrita do meu diário. O cara era realmente barulhento. Muita coisa passava em sua cabeça. Havia muito drama ali. Com o tempo, fui percebendo quem era ele. Não soube seu nome, claro, porque ninguém que pensa sozinho fica dizendo o próprio nome. Se fosse assim, deveríamos pensar em terceira pessoa. Por exemplo, em vez de pensar: "Eu devia ter levado aquele projeto adiante e não levei, agora me arrependo", pensaria: "O Batatinha devia ter levado aquele projeto adiante e não levou, agora se arrepende".

Pouco a pouco, o drama ia ganhando força na mente do meu vizinho. Um tipo de drama que apenas alguém à beira da morte conhece. E foi só quando ele começou a pensar/falar com outras pessoas pude perceber que se tratava de um diretor. Um diretor de teatro ou cinema. Parecia confuso, acreditava estar dirigindo um espetáculo, um filme, sei lá; por isso, não apenas pensava alto, mas, feito um diretor ao velho estilo e tóxico, gritava, gritava em pensamento, humilhando os atores: "Cristiane Carlos, essa carinha bonita vende ingressos, mas se você não for realmente expressiva...; não lhe dei uma personagem assassina pra que você a faça parecer uma mocinha sentimental; se continuar assim, o melhor é voltar a trabalhar naquelas malditas telenovelas; e você, César Tereza, apesar desse corpinho todo definidinho, parece mais um ator com formação ruim; que merda é essa, César Tereza?; é preciso transmitir uma verdade; você tem alguma verdade aí dentro de você pra transmitir, tem?, me diz, anda!, me diz, César Tereza; cadê a verdade?; o texto tem

uma verdade, todo texto tem uma verdade; se você não se esforça pra transmitir essa verdade, nossa arte não vai conquistar ninguém, apenas os que gostam de mentiras; não é porque é ficção que é tudo mentira, César Tereza!; intervalo!; vão estudar melhor o texto e voltem feito atores de verdade para eu não precisar agir feito um capeta!”.

Estava muito difícil conviver com meu amigo de UTI. Ele estava me deixando agitado. Mas, para a minha surpresa, de repente, foi baixando o tom. Começou a pensar sobre si. A se lamentar, a se arrepender do que não havia feito em sua carreira e de como tratava suas atrizes e atores. Ele dizia: “Desperdicei grande parte de minha vida dirigindo peças escritas pelos outros, e quase sempre foram peças que não incomodaram ninguém; aqueles malditos textos sobre relacionamentos (claro, muito distantes dos textos ruins das telenovelas), histórias de assassinatos, comédias até; eu poderia ter escrito, dirigido outro tipo de espetáculo; e, claro, não posso esquecer da minha neutralidade política; fiquei marcado por isso, sobretudo pelo que disse numa entrevista publicada na Santa Bula de Todos os Remédios há muitos anos; os meus espetáculos, confessei, jamais estariam ligados a temas políticos; eu estava seguindo ordens; as Forças da Repressão me deixaram, naquela época, continuar com os espetáculos, bastava fechar o bico, não me pronunciar sobre assuntos contrários aos costumes de nossa sociedade, já tão aterrorizada pelos ‘malditos vermelhos’; e eu apenas segui as ordens; continuei a seguir as ordens e, estressado por isso, agora assumo, sempre gritava e maltratava meus atores, minhas atrizes, meu tom era sempre agressivo, mas agora posso mudá-lo, mudar meu tom, assumir uma outra forma de dizer as coisas, mesmo sabendo que não tenho mais tempo; desta UTI é que não saio vivo; se pudesse voltar só um pouquinho no tempo, eu escreveria o meu primeiro texto, um texto meu!, contaminado pela minha verdadeira e tão ocultada, por anos, visão de mundo, uma visão crítica, a gerar uma alegoria sobre a opressão ou algo do gênero; e é exatamente isso o que vou fazer, pois, enquanto

não morro, aproveito o tempinho restante para escrever esse texto, essa peça; o meu primeiro texto; então, vamos a ele; um monólogo curto, desses que não cansam ainda mais o público nestes tempos de tanta exaustão”.

Nesse momento, eu quis dizer ao diretor que havia lido sua entrevista na Santa Bula de Todos os Remédios. Mas não importava o que ele tinha dito nela. O importante, para mim, era registrar a sua criação neste meu diário, com o máximo de fidelidade. Seria um texto dele como se fosse meu, pois os diários de autoficção dos outros às vezes servem para que usemos ideias alheias sem citar o autor.

Ele levou ainda um tempinho pensando e, então, deu início à escrita do monólogo, com muitas rubricas, porque era (e contra isso ele já não tinha tempo para lutar) um dramaturgo ao velho estilo:

ADAPTAÇÕES

Deserto. Da areia, desenterra-se um homem, saindo de uma cova. É um homem sem rosto. Veste terno preto, camisa branca, gravata vermelha e chapéu. Carrega uma mala. Ao sair da cova, bate a areia da roupa e tenta lustrar os sapatos com um lenço também vermelho retirado do bolso. Tem ar de superioridade. Faz esses gestos sem dizer uma só palavra. De dentro da cova de onde saiu, puxa um caixão. Mais ao fundo do cenário, uma pequena planta seca e ao lado dela uma bicicleta, sem rodas, apoiada sobre duas pedras, como se essas fossem suas rodas. No cenário há ainda um cemitério repleto de pedras indicando os locais onde estão enterradas as pessoas.

HOMEM SEM ROSTO – *(Bate mais uma vez a areia da roupa.)* Cada qual com seu deserto, não é? O de vocês é o local em que habitam, sofrem, se alegram, plantam ou mesmo... Um deserto interno, um vazio por falta de viver a vida como se deseje viver. Uma vida feita de pequenas

coisas. O que talvez seja mais simples de se compreender, ou mais complexo, dirão uns, pois depende do ponto de vista. Oh! Sempre os pontos de vista! Já o meu... O meu deserto é diferente, singular, eu mesmo o crio. Aliás, já criei muitos desertos. Sempre buscando, diríamos, um modo cirúrgico no procedimento. Extirpo memórias, coletivas e individuais, extirpo a História dos locais por onde passo, enterro o passado em covas profundas, apago fronteiras e desenho outras só por capricho e com isso gero, claro, alguns vazios e animosidade. E no deserto, apesar da aridez do clima e da paisagem, do silêncio, pode haver sim muita animosidade. Para criar meus desertos, reduzo símbolos a pó, extirpo línguas e dialetos e imponho meus modos civilizados de falar e agir. Enfim, gosto de criar uma nova... *(Pausa.)* Onda. É isso. Uma nova onda, uma nova ordem, uma nova moda: por isso, confecciono aos lugares por onde passo uma roupagem completamente inusitada para os padrões locais. *(Enfático e cínico.)* Inusitada. Se uso de força para isso? *(Pausa.)* Bem, é melhor dizer que carrego comigo, aqui, bem aqui *(Aponta para o caixão)*, meus argumentos. Fortes argumentos. *(Abre o caixão, mas o público não pode ver o que há dentro; o homem ri com satisfação.)* Estão todos aqui. Como sempre. E, vejam, eles raramente mudam. Por anos, décadas, séculos, sempre foram os mesmos. Os mesmos. *(Começa a caminhar, arrastando o caixão na areia.)* Ah, meus inestimáveis argumentos!

Tira do caixão um guarda-sol, crava-o na areia e abre.

HOMEM SEM ROSTO – Tudo fica mais claro sob a luz do sol, não é? Ainda mais aqui, neste deserto. Mas eu não gosto das coisas assim tão claras. Prefiro as áreas de sombra. *(Senta-se sob o guarda-sol.)* Na sombra, nas incertezas que crio para o “outro” eu vou sobrevivendo, por muito,

muito tempo. Ah, sim, carregando também as sombras comigo, as incertezas... *(Abre a mala. Vazia.)* Tudo que tenho a dizer, a mostrar sobre mim, fora o já dito antes, está aqui. *(Mostra a mala vazia.)* Origem. Destino. Passaporte. Nome. Nada disso carrego comigo. O que carrego são as adaptações. *(Pausa. Contempla a paisagem em torno de si.)* Adaptações. Não necessariamente as minhas. Ou apenas as minhas. No geral, prefiro as coisas adaptadas a mim, claro. É muito mais confortável! *(Passa a mão na testa suada. Afrouxa a gravata, num movimento raivoso.)* Vejam, já estou me adaptando a este suor lamacento. Areia e suor. *(Dá um puxão na gravata, demonstrando ainda mais indignação; parece um tanto exausto, arranca o chapéu e se refresca um pouco, abanando-se. Levanta-se, frenético.)* Argumentos. Adaptações. É isso que eu carrego comigo. *(Agitado.)* Argumentos. Adaptações. Preciso de mais áreas de sombra. Sim. *(Enfático.)* Áreas de sombra. E de carregar as coisas, os lugares, as vidas de incertezas. As incertezas do outro constroem as minhas certezas. E, sim, óbvio, não vou me esquecer de ser um pouco flexível. *(Ri.)*

De dentro do caixão, o homem retira mais alguns guarda-sóis. Não sabe bem onde colocá-los. Anda pra lá e pra cá, puxa a gravata (o calor do deserto incomoda) e a atira na areia. Começa a abrir os guarda-sóis e se põe a espalhá-los pelo cenário. Irrita-se. Para, exausto. Vai até a gravata, no chão, e a pega de volta. Com ela, enxuga o suor da testa. Seu rosto fica manchado com o vermelho da gravata.

HOMEM SEM ROSTO – E eu me pergunto: onde ficam os limites nessa história toda? Tudo, e até vocês vão concordar, precisa de limites. Por vezes é ótimo abolir fronteiras. Mas este lugar aqui *(Aponta para o chão)* se move, se

transforma. O deserto respira. E isso me incomoda muito. Eu adoro mudar coisas de lugar. Mas odeio ficar assim (*Pausa curta*), desconcertado. Ah, diabos! Desconcertado com essa vida, apesar de silenciosa, que há no deserto. Desconcertado com as pessoas que nesta aridez vivem vidas nada sedentárias e as celebram. Elas vivem para este lugar. Não posso entender. Realmente, não posso. Deste lugar, vou ser sincero, só me interessam os recursos. Sim, os recursos. Entendem? Vou ser mais direto: os recursos naturais. E, sim, por aqui, há recursos naturais, apesar do deserto. Sempre há. E me interessa, também, claro, o território, mesmo que um dia eu o abandone. Mesmo que eu mude tudo por aqui, indo embora depois, para que outros venham e baguncem tudo novamente. Gosto de andar pelo mundo, pelo Tempo, pela História mudando as coisas, tirando daqui, colocando ali. Tirando dali, colocando aqui. Mas às vezes precisamos estabelecer alguns limites para os movimentos. Para que as coisas se fixem e não nos incomodem. E com tudo fixo, estagnado, consigo minha liberdade de ação, entendem? Preciso explicar melhor? Certo.

Abre o caixão. De dentro, tira uma pá. Põe-se a erguer montes de areia como se fossem uma barreira, um muro.

HOMEM SEM ROSTO – Muros. Fronteiras. Assim me sinto melhor. Claro, não desejo estabelecer limites para mim. Não. Os limites são para me proteger dos que querem tomar tudo o que venho conquistando com o Tempo. Meu tempo maiúsculo. Com T, maiúsculo. (*Breve pausa.*) E eu, eu não tomo nada a ninguém. É bom que isso fique bem claro. O que tenho foi conquistado com suor e perspicácia. (*Tira o paletó, enxuga o rosto com ele.*) E com adaptações. Sim, vejam. (*Mostra o terno retirado do corpo.*) Adaptações. E argumentos, claro. (*Pausa.*) Se eu me adapto, por qual mo-

tivo as coisas ao redor não irão se adaptar? Se eu estou me despindo dos meus hábitos, por que os outros não deverão fazê-lo quando for necessário? Ao estabelecermos fronteiras, tentamos, por assim dizer, criar uma identidade para o que fica entre os “muros”. Criar um projeto. De nação? (*Ri muito alto.*) Cá entre nós, podemos criar um rosto para tudo isso. Para este lugar entre fronteiras.

Em seu rosto vazio, sem traços, o homem começa a desenhar olhos, nariz, boca. Uma boca sorridente.

HOMEM SEM ROSTO – Um rosto sorridente para este lugar. Um rosto sorridente e cativante. Tudo pode ser conquistado com um sorriso. E, claro, com argumentos. Eu adapto um rosto. Improviso. Uma coisa rápida. (*Borra o desenho.*) Assim, meio borrada. Meu rosto é, agora, a metáfora de uma identidade borrada. Delével.

O homem retira o rosto desenhado e joga-o ao chão como se fosse uma máscara. Por baixo do rosto, não há nada. Outra face em branco.

HOMEM SEM ROSTO – (*Grita.*) Meu rosto.

Pega o rosto no chão.

HOMEM SEM ROSTO – Esse meu rosto inventado. Borrado. A identidade de uma nação? Não. Meu rosto, este rosto aqui... Pode ser a metáfora das fronteiras totalmente extintas. Uma vez, vi numa dessas exposições de arte uma obra feita de areia, dentro de uma caixa de vidro. Na areia, estavam lá, coloridos, os desenhos de bandeiras de vários países. Nada se misturava. Eram territórios bem definidos. Definidos? Que nada! Dentro da caixa, havia milhares de formigas que, por pequenas passagens criadas nas divisórias entre as bandeiras, circulavam de um lugar

a outro. A outros. E conforme circulavam, as bandeiras iam se desmanchando. Sendo borradas. Ao final da exposição, não se podia distinguir mais nada. Não havia mais bandeiras ou fronteiras. Essas que muitas vezes nos criam tantas dificuldades.

Ajoelha-se. Põe-se a desenhar bandeiras na areia.

HOMEM SEM ROSTO – Tudo seria mais fácil sem elas, as identidades nacionais.

Freneticamente, começa a apagar as bandeiras.

HOMEM SEM ROSTO – Não entendo por que as pessoas necessitam de um lugar para chamar de seu. Mesmo que nem vivam mais nesse lugar. Mesmo que vivam no exílio, em outras terras. Nômades: modernos, contemporâneos. As bandeiras dão rostos aos lugares. É necessário borrar esses rostos.

Senta-se sob um dos guarda-sóis. O vento chega e leva o guarda-sol. Cansado, o homem senta-se debaixo de outro (este é derrubado pelo vento). Segue para um terceiro. A mesma coisa. O cenário vai ganhando aspecto de desarranjo, com os guarda-sóis espalhados.

HOMEM SEM ROSTO – *(Como que desiludido.)* Aqui, tudo se move. Talvez seja por conta deste vento. Por isso, precisamos de algum controle, de alguns exercícios de fixação. *(Abre o caixão e retira dali algumas ratoeiras e crânios. Vai distribuindo as primeiras junto aos muros de areia e pelo terreno.)* Fixação. *(Espalha mais ratoeiras.)* Aprisionamento. Obediência. *(Levanta-se, mostra-se impaciente, depois fica abatido, olha em volta, olha para a plantação seca ao fundo, segue até lá.)* E argumentos. Plantar argumentos. Por isso, carrego suas sementes sempre comigo. *(Com muita raiva*

agora.) Argumentos. E com eles vêm as adaptações. (Ri, arranca as plantas esturricadas do solo e enterra ali alguns dos crânios que retirou do caixão.) Ser ou não ser um adaptado? (Rindo, mordaz, com um dos crânios na mão.) The question doesn't matter. (Enterra o crânio na areia e grita.) Argumentos. Plantá-los por onde passo. (Levanta-se, vai até a bicicleta com rodas de pedra e se põe a pedalar.) Assim é que as coisas se fixam. E por mais... (Pedala forte.) E por mais que tentem (Segue pedalando forte), jamais sairão do lugar, por gerações e gerações. (Põe-se a pedalar calmamente por um bom tempo, em silêncio, e então limpa o suor do rosto com a camisa, joga-a na areia.)

Desce da bicicleta. Depois de tanto esforço, sente-se exausto e está muito suado. Com calor. Tira então a calça, fica nu. Caminha cambaleando. Confuso. Reencontra a gravata. Esfrega pelo corpo. Tenta limpar o suor com ela; assim, vai se manchando todo de vermelho.

HOMEM SEM ROSTO – *(Com voz fraca.) Estabelecer fronteiras. Fixar. Com argumentos. Forçar as adaptações. Criar áreas de sombra... (Pausa.) Incertezas. (Com a voz ainda mais fraca.) Áreas de sombra.*

Vai até as pedras do cemitério. Senta-se sobre uma delas.

HOMEM SEM ROSTO – Não entendo esses nômades que querem um lugar fixo para deixar seus mortos. Claro, um cemitério quer dizer que houve ou há vida num lugar. Talvez, muitas vidas. Milhares. Milhões. Aos poucos, meus argumentos vão vencendo a resistência dessas vidas. Então, é chegada a hora de fazer adaptações no lugar. Muitos não aceitam as mudanças. Alterações na rota do seu, diríamos, desenvolvimento. *(Ri.)* Todos adoram a palavra desenvolvimento. Mas ela, convenhamos, não é para todos.

Há um mundo que pode pagar por isso e outro que não. E, então, vive-se conforme as condições, precárias, que se tem. Na verdade, é uma gente ignorante. Geralmente, mal sabe de suas riquezas. Há calor, fome, frio, sede, falta de abrigo decente. É por isso que eles só querem fugir. Mas não tenho culpa disso. Eu nunca usei de violência para convencer ninguém. Convencer povos, sociedades. Simplesmente chego e passam a me admirar. Ao mesmo tempo, a me temer. Mas eu só carrego *(Pausa)* argumentos convincentes, claro. *(Pega uma outra ratoeira.)*

Vai mudando as pedras de lugar. Arremessa algumas delas, pesadas, com esforço.

HOMEM SEM ROSTO – Covardes. Abandonam seus mortos. Depois querem voltar. E voltam. Dizem que é a terra deles. Que seus mortos não podem ser retirados de onde estão. É a cultura deles. *(Ri.)* Cultura. Vivam as culturas! As bandeiras. As fronteiras. As identidades nacionais. E eles justificam tudo com seus argumentos tolos de que eu cheguei e devastei este lugar. *(Pausa.)* Devastei com a minha cultura, com o meu pecado em ser um homem ocidental. E eles parecem em êxtase quando dizem: “Ocidental”.

Do caixão, retira algumas varetas e um lençol branco. Crava as varetas na areia e estende sobre elas o lençol. Cria uma espécie de tenda. Deita-se sob ela.

HOMEM SEM ROSTO – *(Cansado, mas sem perder o tom mordaz.)* Como me cansa argumentar. E as adaptações, então, para fazê-las todas? E para criar incertezas para que tudo fique como esperamos? As áreas de sombra? *(Pausa.)* As áreas de sombra... *(Longa pausa.)* Neste escuro. E a noite a cobrir o mundo com sua cor de asfalto, asfalto com o qual tentarei ainda traçar meu caminho neste deserto

infinito. Desenhar um trajeto mais lógico neste lugar em constante mutação. Na verdade, nunca entendi bem o que pode ser toda esta mutação. E há um choque entre mutações: as promovidas por mim e essas que vêm da natureza do lugar. Da cultura deste lugar. *(Grita.)* Cultura. *(Seus movimentos estão muito lentos agora.)* A natureza do lugar. O Povo. A natureza. *(Enfraquecido cada vez mais.)* A natureza. O calor do dia. O frio. A noite que começa a engolir tudo e a me jogar para dentro de seu estômago. A noite. O frio.

O vento derruba a tenda. O lençol cai sobre o homem. Então, o corpo que se mexia lentamente fica inerte. Surgem manchas vermelhas por todo o lençol. Dois homens, com trajes de nômades do deserto, entram em cena. Carregam o corpo do Homem sem Rosto para dentro da cova de onde ele saiu. Recolhem os crânios e as ratoeiras do cenário, colocam-nos no caixão que é jogado no buraco, junto do Homem sem Rosto. Fecham a cova e partem pelo deserto. Então, vem uma criança, também com traje de nômade, sobe na bicicleta sem rodas e pedala. Sabe que não pode sair do lugar. Com muito esforço, carrega a bicicleta até posicioná-la em cima da cova do Homem sem Rosto. Depois, parte dali.

FIM

Quando o diretor acabou de escrever e disse (ou pensou) FIM, ouvi o monitor apitando. Com certa demora, alguns enfermeiros chegaram. Mas não teve jeito.

Como faltavam macas no hospital, por conta dos feridos de guerra que começavam a chegar, embrulharam o corpo do dramaturgo no lençol da própria cama em que ele estava e o levaram dali.

Dia sem data, UTI, hora indefinida

Eram muitos os sons que chegavam na UTI, vindos lá de fora. Sons de sirene, explosões, aviões, ambulâncias, gritos e outros etcéteras. Tudo estava muito agitado, tão agitado que pensei em me levantar e espiar lá fora pela janela (se é que havia janela por ali). Ou sair pelos corredores perguntando se havia chances de o hospital ser bombardeado. Se, de verdade, poderíamos todos morrer. No entanto, é óbvio, meu corpo não me obedeceria naquela situação. Seria uma total incoerência pensar o contrário. Às vezes, nem em um diário de ficção (olha aí, mais um gênero de diário) é possível pensar em coisas desse tipo, pois podem questioná-las de modo furioso: “E a verossimilhança?; e o entendimento do mundo pela categoria do pertinente?”. “Tudo é pertinente neste mundo”, respondi para mim mesmo. Mas era melhor eu deixar de me iludir. Contentei-me com a minha situação. Cedo ou tarde, sairia do coma. Estava apostando minhas últimas fichas nas palavras do médico que me tomou por suicida fracassado. Na verdade, eu nem sequer estava próximo de morrer. Estava me sentindo até que bastante disposto para continuar a escrever meu diário. Tanto que ao ver um homem chegando, embrulhado num lençol todo manchado de sangue, tive a certeza de que não me faltaria o que narrar. Meu corpo não funcionava. Contudo, eu era pura linguagem. Puro discurso. Eu era deus. E o deus-linguagem pode criar humanos como bem entender. Mas o soldado (e era um soldado o homem embrulhado no lençol) que vi chegar na UTI e ser colocado no lugar que pouco antes tinha sido ocupado pelo dramaturgo não foi uma criação minha.

O soldado foi desembulhado sobre a cama, o intubaram e, depois, foi ligado de qualquer jeito aos aparelhos. O médico responsável fez esse servicinho de modo rápido e logo se mandou dali. Mas, antes, consegui ouvi-lo dizer a sua equipe: “Nem vale muito a pena cuidar do pobre coitado, não sobreviverá; temos pacientes com mais chances de serem salvos, trazê-lo para

cá foi uma besteira; quanto mais rápido morrer, mais rápido se tornará um herói de guerra”.

E era mesmo muito grave a situação do soldado. Roubar seus pensamentos para colocar num diário de autoficção dos outros me parecia uma tarefa impossível. Uma parte de sua cabeça havia sido arrancada por uma explosão. Ou por um tiro. Sei lá. Parecia não haver restado nada de seu cérebro. Consciência, muito menos. Era praticamente um herói de guerra, só lhe faltava um enterro com salva de tiros, o caixão coberto com a bandeira nacional e algumas medalhas no peito (a não ser que ele fosse um soldado raso; e isso está escrito lá, na Santa Bula de Todos os Remédios: “No caso de morte de um soldado raso não há remédio, de modo algum haverá homenagens”).

Tudo que restava então era ouvir as bombas lançadas sobre a cidade explodirem.

Tive a sensação de que tudo viria abaixo.

Ou iria pelos ares com as explosões.

A possibilidade de morrer me fez pensar num modo mais ágil de narrar.

Em parágrafos curtos.

De preferência os de uma linha.

Meu diário passaria, então, a ter um novo formato.

Viraria um outro novo gênero.

O diário vertical.

Com as anotações despencando.

Nas páginas.

Parecendo uma cachoeira.

Mas eu já achava que não tinha mais nada para registrar.

Explosões de bombas não dariam uma narrativa.

Mas os pensamentos de um soldado, sim.

Não demorou muito e pude ouvi-lo.

Mesmo com a cabeça toda arrebetada, ele pensou.

“Eu conheço você, soldado; você roubou uma ideia minha durante um sonho.”

De imediato, desviei minha atenção das explosões lá fora.

E me concentrei nos pensamentos dele.

Continuou:

“Como é permitido a você, soldado, receber cuidados no hospital do inimigo?”.

Será que ele se referia a mim?

Eu queria ter certeza.

E tinha: eu era o soldado inimigo do sonho dele; e ele, o do meu.

Mas ele não podia me ouvir.

Restava-me, então, anotar.

Com muita atenção, segui registrando:

“Como eu gostaria que a ideia de suicídio durante a batalha tivesse dado certo.

Queria justamente evitar este sofrimento.

Ficar aqui.

Quase sem vida.

Preso neste corpo.

E este soldado aí ao lado.

Eu bem poderia ter me matado de verdade quando matamos um ao outro.

Ele me acusou de roubar-lhe a ideia de suicídio durante a batalha.

Mas foi ele quem o fez.

Depois, voltou num sonho para me acusar.

Me acusou de engravidá-lo quando cochichamos um no ouvido do outro.

Durante a batalha.

Ele queria tratar da pensão alimentícia da criança.

Vejam só!

Esses inimigos.

Se não fossem inimigos de guerra, seriam por outro motivo.

Falta de caráter, por exemplo.

Por serem exploradores de pais, por exemplo.

Por serem mentirosos, por exemplo.

Por acusarem sem razão...”.

E eu queria responder àquelas graves acusações.
Queria que o soldado moribundo pudesse ouvir meus pensamentos.

Pois era eu quem havia sido roubado.

A ideia do suicídio durante a batalha era totalmente minha.

Era uma ideia inédita.

Original.

Quando um simples soldado como esse aí ao lado poderia ter tal ideia?

Um soldado que morreria sem homenagens e sem medalhas.

Raso!

E ele prosseguiu, fazendo eco dos meus pensamentos:

“Como um soldado feito esse aí ao lado pôde ter a mesma ideia que eu?

Um soldado que morrerá sem homenagem e sem medalhas...”.

Era muita provocação da parte do soldado moribundo.

Eu precisava ter direito à resposta.

Mas não havia como, e então continuei a ouvi-lo pensar.

“O que ele não sabe é que eu também engravidei.

E é ele quem terá de pagar a pensão.

Justiça seja feita!

Mas não teremos tempo.

Nem eu.

Nem ele.

Mas ele deve achar que tem.

É arrogante até quando a morte se aproxima.”

A ideia de ser pai mais uma vez me assustou.

Não era o momento de estarmos grávidos.

Nem eu.

Nem o soldado inimigo.

O soldado de quem eu havia engravidado durante um sonho.

Que tivemos?

Não sei se o sonho era meu ou dele.

Se era nosso.

Mas tinha certeza de que era meu.

Por isso, ele foi um sacana ao invadir o meu sonho para me matar na batalha, roubar minha ideia de suicídio e ainda por cima me engravidar.

Continuei a ouvi-lo:

“Ele foi um canalha ao invadir o meu sonho para me matar durante a batalha, roubar minha ideia de suicídio e ainda por cima me engravidar.

O sonho era meu.

Ele, o invasor de sonhos.

O invasor de território inimigo.

O invasor de hospital de campanha do exército inimigo.

Gostaria de sonhar novamente com ele para poder me vingar.

Me vingar de todo o mal que me fez.

(Uma pausa para falar de signos: sou de escorpião.)

Só evitaria o contato físico para não engravidar de novo...”.

Tudo bem, eu era o pai do filho dele e pronto.

E ele, do meu.

Deveríamos fazer as pazes.

Deveríamos ter as crianças em paz.

Mesmo que sob aquele bombardeio todo.

Mesmo que elas fossem frutos de uma guerra ocorrida dentro de um sonho.

“Mas do que me adianta uma vingança agora?”, continuou o moribundo.

“Mesmo ele sendo um ladrão de ideia de suicídio.

Mesmo tendo me matado num sonho.

Mesmo que nunca pague a pensão alimentícia do nosso filho.

Mesmo sendo um soldado inimigo.

Mesmo assim.

Há um filho dele dentro em mim.

Mas sinto que não poderei lhe dar esse filho.

Pois sou um fracasso.

Como suicida.

Como soldado.

E como homem grávido.”
Nessa hora, comecei a ter pena dele.
Do homem que daria à luz um filho meu.
Assim não tinha jeito.
O sentimento de culpa já começava a me invadir.
Eu começava a sentir uma profunda compaixão.
Queria tanto que ele me ouvisse pedindo perdão por todo
o mal que lhe fiz.
Que ele soubesse que eu não o deixaria ter o filho sozinho.
Ou que ouvisse meus pensamentos como eu podia ouvir
os seus.
E assim saberia do meu pedido de desculpa.
E que o perdoei pelo que me fez.
E que eu não queria que ele desistisse.
Queria que lutasse para sobreviver.
Afinal, tínhamos duas lindas crianças para dar à luz.
Uma bomba explodiu ao lado do hospital.
Depois da explosão, o breu.
“Retirem o corpo deste aqui”, disse um soldado quando
a luz retornou.
“E aquele ali?”, perguntou o outro soldado, apontando
para mim.
“Ainda pode ser salvo, e parece estar grávido.”
O soldado inimigo foi levado dali.
Fim de mais uma relação.
A perda de mais um filho.
E mal o soldado havia sido levado, já chegava um
novo hóspede.
Embrulhado num lençol.
Pelo jeito, não há mesmo macas por aqui, concluí.
Abriram o lençol.
Uma máquina de costura.

Sem data, UTI, hora indefinida

Tudo parecia mais calmo depois que deixaram a máquina de costura na cama ao lado. E, naquele momento, pude perceber que a cama não era uma cama. Mas uma mesa de dissecação. Se é que isso importa.

Os ataques aéreos tinham cessado.

No entanto, a trégua durou apenas alguns minutos.

Outra bomba explodiu perto do hospital.

“Bombas e essa maldita tempestade!”, disse um dos médicos soldados que ali se encontrava.

“Bombas, tempestade e goteira”, disse o outro.

“Por favor, protejam a paciente, está gotejando em cima dela; essa máquina veio muito ferida lá da fábrica de roupas abandonada onde os operários de barba e bigode (que também poderiam ser mulheres) faziam festas de confraternização; morreram todos, todas; mas eram apenas operários(as) desativados(as) que só queriam saber de festas tristes; preferimos salvar as máquinas”, disse um terceiro médico soldado.

“Cuidem bem, de verdade, dessa paciente, caso contrário o Dr. Lautréamont ficará furioso com vocês; cubram-na com este guarda-chuva”, disse o quarto médico soldado.

“Desta vez, ao menos, não haverá ninguém pensando alto aí do lado; as explosões, este vendaval e a tempestade já ocupam muito meus tímpanos; preciso mesmo é de um descanso, estar grávido do filho de um soldado inimigo que não quis e não pôde assumir esse filho não é coisa fácil; e outra: não tenho mais nada a anotar neste diário dentro desta UTI, agora é esperar pelo que o destino reserva para mim e ao filho dentro mim.”

“Engano seu, precisamos conversar.”

Para o meu espanto (sem exclamação), a máquina de costura começava a se comunicar comigo.

Perguntei:

“Você pode ouvir os meus pensamentos?”.

A máquina:

“Obviamente, sim; se não ouvisse você pensando, não poderia lhe dizer que quero reconhecer a paternidade dessa criança aí na sua barriga”.

As bombas começavam a cair em maior quantidade. As metralhadoras antiaéreas não paravam de cuspir balas. Uma barulheira ensurdecadora. O vendaval assoviava. Trovões. A chuva forte sobre a lona produzia um som assustador. Tive a impressão de que tudo iria pelos ares ou seria levado pela água.

Para poder registrar toda a minha conversa com a máquina de costura, comecei a anotar tudo rapidamente outra vez.

Com parágrafos curtos.

Não mais que uma linha.

Eu respondi:

“Você não é o pai desta criança.

O pai era o soldado que saiu daqui sem vida.

Ele estava bem aí, nessa mesa de dissecação na qual você está agora”.

A máquina:

“Tudo bem, tudo bem...

Você já não se lembra.

Foi durante aquela festa na fábrica abandonada.

A fábrica dos operários tristes que vestiam uniformes de cor cinza.

Dos operários de barba e bigode.

Que podiam ser homens e mulheres.

Os operários(as) desativados(as)...”.

Eu disse:

“Claro que eu me lembro da festa.

Uma festa cheia de alegria triste.

As máquinas pareciam mais vivas do que aquela gente toda”.

A máquina:

“Então...”.

Eu:

“O quê?”.

A máquina:

“Você estava meio deslocado.

Veio se sentar entre nós, as máquinas de costura.

Depois, chegou pertinho de mim e começou a me manusear.

Não se lembra?”.

Eu:

“Começo a me lembrar...

Tentei costurar uma luva de seis dedos em você.

Foi isso?”.

A máquina:

“Não só”.

Eu:

“O que mais?”.

A máquina:

“Você quis me beijar”.

Eu:

“Eu?!”

Beijar uma máquina de costura?”.

A máquina:

“Sim”.

Eu:

“Certo.

Mas o que tem de errado nisso?”.

A máquina:

“Nada.

Eu quis o beijo”.

Eu:

“Deve ter sido uma cena linda”.

A máquina:

“E foi”.

Eu:

“Eu estava carente”.

A máquina:

"Eu também".

Eu:

"Aonde você quer chegar com esta conversa?".

A máquina:

"Ao filho".

Eu:

"Que filho?".

A máquina:

"Este dentro de mim.

Ele é seu filho".

Eu:

"Pensei que queria falar do filho na minha barriga".

A máquina:

"Sim, mas desejo falar sobretudo deste aqui, dentro de mim".

Eu:

"Então, fale".

A máquina:

"Vou repetir: ele é seu filho".

Eu:

"Jamais!".

A máquina:

"E esse na sua barriga...

Também fizemos juntos".

Eu:

"Jamais!".

Aquela notícia realmente me abalou.

Mas poderia não ser verdade.

Uma máquina de costura mentirosa, isso sim.

Comecei a passar mal, e pensei: "Outro filho?; mais um?, o que farei com tantos filhos?; sobreviveremos?".

As explosões.

A tempestade.

O vendaval.

Uma barulheira dos infernos.

Confusão geral.

Lá fora e no hospital.

E dentro de mim.

(Fogo.

Água.

Ar.)

Minhas esperanças caindo por terra.

Tive certeza de que não sobreviveríamos.

A máquina de costura não disse mais.

Começou a trepidar sobre a mesa.

Tremia muito.

Os aparelhos começaram a apitar.

Todos ao mesmo tempo.

Uma barulheira dos infernos.

Confusão geral.

“Abram caminho para o Dr. Lautréamont”, disse um dos médicos soldados.

“Precisamos salvar a criança”, chegou gritando o doutor.

“Levamos para a mesa de cirurgia?”, perguntou o outro médico soldado.

“Não, vai ser aqui mesmo, não temos tempo”, gritou o doutor.

As explosões.

A tempestade.

O vendaval.

Sons que pareciam ganhar cada vez mais volume.

Enquanto isso, o Dr. Lautréamont fazia uso de seus instrumentos.

Operava a máquina de costura.

Por fim, anunciou com um grito:

“Está salva”.

Não vi a cara da criança.

Nem sei se tinha cara.

“É o bebê errado”, gritou o doutor.

“Mas então... Ele pode estar ali?”, perguntou um médico soldado apontando na minha direção.

“Acho que sim, vamos abrir esse aí e salvar a criança”, gritou o doutor.

E abriram.

Mas eu não sentia dor.

Apenas espanto (sem ponto de exclamação).

De dentro de mim, acabavam de tirar uma pequena máquina de costura.

Dia do 2° e último enterro de Marta Tarma

Acordei com a sensação de que havia uma goteira caindo bem em cima do meu rosto. Eu estava todo suado. São tantos os sonhos em forma de pesadelo que a gente acaba por ter medo de sonhar os sonhos porque eles, além de algumas vezes se tornarem pesadelos, nos fazem acordar molhados de suor (quando viram pesadelos). Mas, na verdade, acordei suado porque faz muito calor nesta cidade. E deve ser por isso que sonhei com a goteira, e essa não parava de cair sobre o meu rosto. Sonhei para aliviar o calor. O sonho então virou pesadelo quando a chuva (do sonho) que gerava a goteira que caía do forro ficou mais forte e os pingos tão grandes a ponto de eu começar a me afogar. Portanto, acho que acordei suado por causa da goteira do pesadelo e por causa do calor. Não importa.

O que importa é ter acordado com vontade de fugir de casa e nunca mais voltar.

E fugi.

No meio do caminho (se é que se pode calcular o caminho todo e dividi-lo pela metade quando não sabemos nem qual é o caminho e muito menos onde ele termina), lembrei. Como poderia ter esquecido? Lembrei. Hoje é o dia do segundo enterro de Marta Tarma.

(E a sensação de goteira na cara.)

Mudei minha rota de fuga, chamada Rota de Fuga para Nunca Mais Voltar², e tentei um táxi para o cemitério Santa Bula. Mas todos os táxis estavam ocupados. Depois de um tempo que não consigo mensurar, um deles parou. "Pra onde?", perguntou o motorista. Respondi: "Para o cemitério". "Qual?", perguntou o cemitério. (Eu queria ter escrito "perguntou o motorista", mas os diários têm seus erros. Não posso ocultar que sou humano e cometo erros somente, para depois, poder acusar os diários de terem erros, dizendo (ou escrevendo): "Os diários têm seus erros".

2 Consultar o Guia Nacional de Estradas de Rodagem e Rotas de Fuga, encontrado na Santa Bula de Todos os Remédios.

Errar não é humano. Errar é coisa típica dos diários). Respondi ao motorista: “O único desta cidade, o Santa Bula”. “Poxa vida, meu amigo, há mais de um cemitério na Grande Colima e o Santa Bula foi destruído por um bombardeio durante a revolução; ou teria sido durante a guerra?”, disse o motorista. Então eu disse: “Só quero ir para o cemitério onde será enterrada Marta Tarma, a famosa escritora de bilhetes com mensagens de despedida para suicidas”. Nem houve tempo de o motorista responder e um grupo de jovens vestindo camisetas com o rosto de Marta Tarma me roubou o táxi.

Tentei outros. Mas todos estavam ocupados com pessoas vestindo camisetas com o rosto de Marta Tarma.

(E a sensação de goteira na cara.)

Resolvi caminhar até o ponto de ônibus e esperar por um que me deixasse na porta do cemitério onde Marta seria enterrada. Mas os ônibus estavam lotados. Lotados com pessoas vestindo camisetas com o rosto de Marta. “Hoje ela vai ser homenageada por uma grande multidão”, pensei.

Os letreiros dos ônibus revelavam o trajeto feito por eles. E todos eles faziam a linha Cemitério Colima – Cemitério Comala. Todos passaram lotados, sem parar.

Nessa hora, senti-me um verdadeiro gênio ao achar que Marta seria enterrada em um desses dois cemitérios.

“Um gênio!”, gritei.

(E a sensação de goteira na cara.)

Como eu havia acordado bem cedo – mais por costume do que por conta da goteira e dos sonhos que viram pesadelos –, teria bastante tempo para chegar ao cemitério. E, mesmo que demorasse muito, ainda seria cedo. Quando refleti sobre isso, minha noção de tempo se alterou. O tempo, me pareceu, havia ficado mais lento. O tempo, me pareceu, havia se dilatado. Um minuto, me pareceu, era o mesmo que duas horas. Tive essa sensação.

(E a sensação de goteira na cara.)

Esperei muito por um ônibus. E todos, todos os ônibus que passaram e que eram todos os ônibus da Grande Colima estavam lotados com aquela gente vestindo camiseta com o rosto de Marta. A partir de um determinado momento, acabaram-se os ônibus. A cidade parecia ter parado. Estariam todos no enterro? Havia a sensação de a cidade estar completamente vazia. E estava. Virou um deserto. Sem ônibus, táxis ou pessoas. Mas eu tinha tempo. Ainda que chegasse muito tarde, chegaria cedo. O importante era chegar, não importava como.

Mas é verdade que chegou num ponto que eu já estava me cansando de tanto esperar. Já estava me cansando de tanto vazio na cidade. Me cansando do meu próprio vazio quando o arrieiro (sim, um arrieiro; e ele possuía uma feição bem familiar, aliás) parou e me perguntou se eu pretendia chegar ao Cemitério Comala. Eu respondi com uma pergunta: "É nesse que vai ser enterrada Marta Tarma?". "Exato", ele disse, "vamos, levo você até lá". "Vamos", respondi. "Acho que é no Comala, sim", ele disse. "Sim, senhor, no Comala", eu disse. "Tem certeza?", ele perguntou. "Sim, senhor", repeti. "Por que o senhor me parece tão triste?", ele perguntou. "Não lhe parece óbvio?", eu perguntei. "Não", ele disse, "não me parece tão óbvio assim". "Você tem razão", eu disse. Nesse momento, não sei por qual motivo, lembrei-me de minha mãe. "Não é óbvio mesmo", assumi, "pode ser porque eu estivesse lembrando de minha mãe", completei.

O trajeto era um sobe e desce danado. A paisagem parecia não mudar. Casas iguais e da mesma cor. E um sobe e desce danado. Prédios iguais e da mesma cor.

(E a sensação de goteira na cara.)

"Calor", eu disse. "Calor é o que você vai sentir quando chegarmos ao Comala; aquele lugar parece ficar exatamente na boca do inferno", disse o arrieiro. "Não me diga", eu disse, "pelo jeito, conhece bem a região". "Na verdade, nunca estive por ali", ele disse. "Então, como sabe que o lugar é tão quente", eu perguntei. "Está escrito lá, na Santa Bula de Todos os Remédios", ele respondeu. "Certo", eu disse; e em seguida perguntei: "E

como sabe o caminho se nunca foi até o cemitério”. “O mapa”, ele respondeu, “decorei o mapa da cidade, que também estava lá, na Santa Bula de Todos os Remédios.”

Um sobe e desce danado.

“Como era essa tal de Marta?”, o arrieiro perguntou e depois fez uma outra pergunta: “Você a conhecia pessoalmente ou é apenas um fã?”. “Estou vestindo alguma camiseta com a cara dela?”, perguntei. “Não”, ele respondeu. “Sim, a conheci pessoalmente, éramos amigos antigos³ e tivemos uma relação de 5 dias que duraram 5 horas; isso foi na segunda semana do ano 43”, eu falei.

Depois, eu e o arrieiro ficamos um longo tempo em silêncio.

Por conta do calor, eu acho.

Um silêncio muito longo.

Prossegui: “Era uma mulher forte, empreendedora, criou essa coisa de bilhetes com mensagens de despedida para suicidas; associou-se a uma gigante do ramo de remédios que passou a imprimir seus bilhetes e a colocá-los dentro de caixas de antidepressivos, ansiolíticos, estabilizadores de humor, anti-convulsivos, analgésicos, sedativos e segue a lista; Marta ficou milionária escrevendo esses bilhetes; os suicidas só precisam assiná-los e depois mandar goela abaixo mais de 279 comprimidos, talvez bem mais, sei lá, já não sei; Marta foi um gênio (ou gênia) da indústria dos remédios para suicídio, disso eu sei”.

Por fim, avistamos uma multidão. O cemitério lá embaixo. “Veja lá, o Comala”, disse o arrieiro. “Finalmente”, eu disse. “Finalmente”, ele disse. “Muito obrigado pelo favor”, agradei. “Por nada...”, ele disse, “daqui, sigo adiante”. “Para onde?”, perguntei. “Para lá”, ele disse, apontando numa direção, “onde se vê o encontro de dois montes”. Fiquei procurando os montes e não os avistei. “Se precisar de um lugar para passar a noite aqui na região, recomendo a Pensão Eduviges; foi recomendada pelo

³ Registrei assim no diário, mas poderia ter registrado “antigos amigos”.

próprio Guia da Região que está lá, na Santa Bula de Todos os Remédios”, ele disse.

Impossível entrar no cemitério. Muita gente gritando o nome de Marta. Lá dentro e do lado de fora. Muita gente chorando. Muita gente falando em se matar porque Marta havia morrido. Muita gente falando em matar Marta porque os bilhetes de despedida, distribuídos como presentes aos suicidas em potencial que vieram ao enterro, tinham todos a mesma mensagem. E todas as pessoas vestindo camisetas com o rosto de Marta. Cantores cantando músicas em homenagem a Marta. Pessoas se atirando dos prédios da vizinhança. Pessoas estendendo faixas em homenagem a Marta nos prédios da vizinhança. Chuvas de pétalas. Pessoas tomando muitos comprimidos na intenção de morrer. E muito mais.

Verdade é que não cheguei nem perto de me aproximar do local do cemitério onde Marta seria (ou já fora⁴) enterrada. Mas ainda era cedo. Um cedo tarde. Mas cedo. E talvez mais tarde (mas ainda cedo) o local se esvaziasse um pouco me permitindo chegar perto do túmulo onde seria depositado finalmente o corpo de Marta.

Então, fui andar um pouco pelas redondezas para matar o tempo. Se é que o próprio tempo já não havia pensado em suicídio.

Um sobe e desce danado.

E o cemitério continuava cercado e cheio de gente.

O corpo de Marta ainda não devia ter sido engavetado.

Ou descido à cova, sei lá.

Segui andando.

Um sobe e desce danado.

Minhas pernas cansadas.

E a sensação de goteira na cara.

4 O uso do pretérito mais-que-perfeito cai muito bem num diário e em romances e contos, apesar de que nós, quando falamos, jamais usamos o pretérito mais-que-perfeito. Essa, sim, é uma verdade mais-que-perfeita.

Que de sensação tornou-se realidade.
Começou a chover.
E os pingos na cara.
Ninguém poderia prever uma chuva naquele momento.
O céu de Colima, sempre tão luminoso, ficou triste como poucas vezes vi.

Devia estar chorando por Marta.
Uma linda homenagem, pensei.
Levantei o rosto para o céu e agradei por estar vivo.
Recebendo pingos na cara.
Por estar vivo dentro de um hospital de campanha.
Com goteira a cair da lona do teto.
Vivo, na UTI de um hospital de campanha.
Vegetando, na UTI de um hospital de campanha.
E a goteira na cara.

Enquanto eu me transportava mentalmente, sem saber o real⁵ motivo, para uma UTI de um hospital de campanha, o dia escureceu de vez. Ou a chuva escureceu o dia. Ou melhor: as nuvens de chuva escureceram o dia. Ou foi a noite que escureceu o dia? Foi a noite. Sei que não pude me casar com Marta nem fazer com ela um filho na hora de seu enterro. Mas permaneci em frente ao Cemitério Comala. Vazio. O portão fechado. Foi quando vi uma mulher tropeçar em um homem sentado no meio-fio, um homem que tinha se sentado por estar exausto de tanto caminhar pelas redondezas do Cemitério Comala, supus. Um homem que se deparou com o portão do cemitério fechado. Sentou e chorou. Ou foi ele que tropeçou na mulher? Só sei que nenhum dos dois possuía bom aspecto. Um cadáver tropeçando no outro. Começaram uma discussão. Uma luta. Rolaram pela calçada. Depois, pelo asfalto. Foram enfiados num táxi. O táxi desapareceu no sobe e desce danado daquele lugar.

Caminhei entre os pingos de chuva. A chuva que estava imóvel. O tempo parecia ter parado novamente.

5 O real, sempre o real!

Eu podia ouvir os pensamentos dos mortos. De todos os mortos que eu carregava em mim. De todos os mortos do Cemitério Comala. Muitos pensamentos. Impossível registrá-los todos neste diário. Todos aqueles pensamentos ao mesmo tempo.

E a chuva. A chuva que saiu de sua imobilidade e voltou a cair. Não pude mais me desviar dos pingos. Fiquei todo molhado.

Apertei a campainha da Pensão Eduvigés.

“Tem um quarto?”, perguntei à mulher da recepção.

“Só lá embaixo”, ela respondeu.

“Tudo bem, melhor do que passar a noite na chuva”, eu disse.

“Mas é bem lá embaixo”, ela disse.

“Tudo bem, melhor do que passar a noite na chuva”, eu disse

“O quarto é úmido e tem goteira”, ela me avisou.

“Tudo bem”, eu respondi, “melhor do que passar a noite na chuva”.

“Toma”, ela disse enquanto atirava a chave em minha direção.

“Obrigado”, agradei.

“Não tem de quê”, ela disse.

“Melhor do que passar a noite na chuva”, eu reforcei.

“É úmido”, ela reiterou.

“E tem goteira”, eu completei.

“Não tem luz”, ela disse.

“Melhor do que passar a noite na chuva”, eu disse

“A cama fica do lado direito de quem entra”, ela disse.

“O lado não importa”, eu disse.

“A cama não é bem uma cama”, ela me avisou.

“Isso importa”, eu respondi.

“É um colchão jogado no chão”, ela disse.

“Melhor do que passar a noite na chuva”, eu disse.

E desci para o quarto.

Quando entrei, fui pelo lado direito, me abaixei e comecei a tatear o piso. Havia um forte cheiro de mofo. Encontrei o colchão. Estava úmido. Deitei-me mesmo assim. E logo senti a goteira na cara. A mulher da recepção tinha avisado, eu não podia reclamar. “Melhor do que passar a noite na chuva”, repeti para mim mesmo.

Mudei a posição do colchão. Deitei-me outra vez. A goteira mais forte. Mudei outra vez o colchão de lugar. Deitei-me.

"Inferno!; isso não é uma simples goteira, é praticamente uma tempestade", disse bem alto.

Pensava em mudar o colchão mais uma vez de lugar, quando ouvi: "Nem pensar, pode ficar aí mesmo!".

"Marta, é você?", perguntei, ao reconhecer a voz.

"Sim, senhor escritor de diários, eu mesma", ela respondeu.

"Está caindo muita água na minha cara, está chovendo em cima de mim", eu disse.

"Sossega, está assim dentro da sepultura toda", ela disse.

"Você não pode chegar só um pouquinho mais pra lá, além dessa água caindo está ficando cada vez mais apertado aqui dentro?", eu lhe pedi.

"Empurra o tronco de bananeira bem aí do seu lado, assim terá um pouco mais de espaço", ela disse.

"Que boa ideia, muito obrigado", agradei.

"Não tem de quê", ela disse.

"Será que essa chuva vai passar logo?", perguntei.

"Pelo jeito, vai levar uma eternidade", ela respondeu rindo uma risada meio sem graça, pois sabia da piadinha óbvia que havia feito.

"Tudo bem, enquanto isso aproveito para fazer o último registro neste diário", eu disse.

"Uma imensa dor em cada página."

*Anotação roubada do Diário de um Suicida,
escrito pelo Dr. Lautréamont.*

FIM

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

SINOPSE

A narrativa deste romance se organiza como numa espécie de diário, com várias situações narradas por um escritor usuário compulsivo de medicamentos para transtornos. As ideias que podem parecer, a princípio, desconexas encontram um nexo causal e vão se organizando pelas páginas divididas em períodos curtos, longos e páginas em branco.

É uma obra que conduz o leitor pelo universo de um personagem complexo e propõe uma dimensão literária de processos psicológicos igualmente complexos.

O AUTOR

Mestre e doutor em Estudos Literários pela UFPR, Paulo Sandrini tornou-se autor de vários livros, entre eles "O estranho hábito de dormir em pé", "O Rei era assim", "Exposição das tripas" e "Peixes coloridos de alto-mar". Participou de coletâneas no Brasil, Argentina, Peru e México. Ministra oficinas de criação literária desde 2007. É editor da Kafka Edições e músico compositor no duo Gabardine.

[ROMANCE]



Avalie o livro
neste QRcode

